



**INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA
CAMPUS BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

DIÉGO DA SILVA OLIVEIRA

**A EFETIVIDADE DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA:
EMANCIPAÇÃO E FORTALECIMENTO DOS SABERES TRADICIONAIS E
CULTURAIS DOS POVOS MACUXI E WAPICHANA – CURSO TÉCNICO EM
AGROPECUÁRIA NO CAMPUS AMAJARI DO INSTITUTO FEDERAL DE
RORAIMA (IFRR)**

Brasília

25 de novembro de 2024

DIÊGO DA SILVA OLIVEIRA

**A EFETIVIDADE DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA:
EMANCIPAÇÃO E FORTALECIMENTO DOS SABERES TRADICIONAIS E
CULTURAIS DOS POVOS MACUXI E WAPICHANA – CURSO TÉCNICO EM
AGROPECUÁRIA NO CAMPUS AMAJARI DO INSTITUTO FEDERAL DE
RORAIMA (IFRR)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Brasília do Instituto Federal de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Dr. Cláudio Nei Nascimento da Silva

Brasília

25 de novembro de 2024

P 324f Oliveira, Diêgo da Silva.

Ficha catalográfica para trabalhos acadêmicos / Diêgo da Silva Oliveira. - Brasília, 2024.

106p.

A Efetividade da Educação Profissional e Tecnológica: Emancipação e Fortalecimento dos Saberes Tradicionais e Culturais dos Povos Macuxi e Wapichana – Curso Técnico em Agropecuária no Campus Amajari do Instituto Federal de Roraima (IFRR)- Instituto Federal de Brasília, Campus Brasília, Curso de Mestrado Profissional em EPT (PROFEPT), Brasília, 2024.

Orientador: Cláudio Nei Nascimento da Silva

1. Ficha Catalográfica. 2. Método de Estudo. 3. Trabalhos Científicos. I. Diêgo da Silva Oliveira. II. Título

CDD 001.4

Catalogado por: (Nome do Bibliotecário e Registro no CRB)

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CONCESSÃO DO GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA


No dia 20 de novembro de 2024, às 14H, no(a) Sala 214 A do Campus Brasília- Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Brasília, localizado na SGAN 610, Brasília, ocorreu a defesa pública de dissertação do(a) mestrando(a) Diêgo da Silva Oliveira, intitulada “A efetividade da formação profissional e tecnológica para os povos indígenas na rede federal, na perspectiva da construção de uma educação emancipatória, tendo em vista o fortalecimento dos saberes tradicionais e a valorização cultural dos povos originários”. Reuniram-se os membros da banca examinadora composta pelos(as) professores(as): Dr. Claudio Nei Nascimento da Silva (presidente e orientador(a)), Dr. Thiago de Faria e Silva, Dra. Cândida Beatriz Alves e Dra. Veruska Ribeiro Machado (suplente), a fim de argüem o(a) mestrando(a). Aberta a sessão pelo(a) presidente, coube ao(à) candidato(a), na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, sendo, em seguida, questionado(a) pelos membros da banca examinadora, tendo dado as explicações necessárias. Os membros da banca consideraram a dissertação:

(X) aprovada.

() não aprovada.


Observações/Recomendações:

Documento assinado digitalmente

 **CLAUDIO NEI NASCIMENTO DA SILVA**
Data: 06/01/2025 10:18:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Claudio Nei Nascimento da Silva
(presidente e orientador(a))

Documento assinado digitalmente


 **CANDIDA BEATRIZ ALVES**
Data: 06/01/2025 23:19:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Cândida Beatriz Alves

Candidato:

Aluno(a): Diêgo da Silva Oliveira

Documento assinado digitalmente

 **THIAGO DE FARIA E SILVA**
Data: 13/01/2025 17:32:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Thiago de Faria e Silva
Prof. Dra. Veruska Ribeiro Machado
(suplente)

Brasília, 05 de novembro de 2024.

ATA DE DEFESA PÚBLICA DO PRODUTO EDUCACIONAL


No dia 20 de novembro de 2024, às 14H, no(a) Sala 214 A do Campus Brasília- Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Brasília, localizado na SGAN 610, Brasília, ocorreu a defesa pública do Produto Educacional do(a) mestrando(a) Diêgo da Silva Oliveira, intitulado “Vozes Indígenas na Rede Federal”. Reuniram-se os membros da banca examinadora composta pelos(as) professores(as): Dr. Claudio Nei Nascimento da Silva (presidente e orientador(a)), Dr. Thiago de Faria e Silva, Dra. Cândida Beatriz Alves e Dra. Veruska Ribeiro Machado (suplente), a fim de arguirem o(a) mestrando(a). Aberta a sessão pelo(a) presidente, coube ao(à) candidato(a), na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, sendo, em seguida, questionado(a) pelos membros da banca examinadora, tendo dado as explicações necessárias. Os membros da banca consideraram o produto educacional:

(x) validado.

() não validado.


Observações/Recomendações:

Banca Examinadora:

 Documento assinado digitalmente
CLAUDIO NEI NASCIMENTO DA SILVA
Data: 06/01/2025 10:18:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dr. Claudio Nei Nascimento da Silva
(presidente e orientador(a))**


**Prof. Dra. Veruska Ribeiro Machado
(suplente)**

 Documento assinado digitalmente
CANDIDA BEATRIZ ALVES
Data: 06/01/2025 23:18:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Cândida Beatriz Alves

Candidato:

Aluno(a): Diêgo da Silva Oliveira

 Documento assinado digitalmente
THIAGO DE FARIA E SILVA
Data: 13/01/2025 17:09:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Thiago de Faria e Silva

Brasília, 05 de novembro de 2024.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, que tem sido minha força, fortaleza e descanso. Sem Ele não teria se quer chegado aqui, pois com sua misericórdia me estendeu o braço e hoje eu sigo ao seu lado, pois Ele sim é o meu melhor amigo, e com Ele quero sempre estar. “Consagre ao Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos”. Provérbios 16:3

Agradeço profundamente ao meu pai e minha mãe que investiram muito na minha formação como homem, me ensinando princípios como: caráter, honestidade, ser sempre verdadeiro, buscar a Deus, como eu precisava ser como um futuro pai de família, dentre vários conselhos e admoestações que precisei para que hoje eu fosse o que sou.

À minha princesa Ana Beatriz, que nasceu em um momento tão difícil do mundo, mas que transbordou meu coração de alegria desde quando ainda era uma semente. Hoje ela é a minha segunda prioridade, abaixo de Deus e que me energiza a cada abraço caloroso com um eu te amo baixinho no ouvido.

A todos os meus familiares, amigos, irmãos em Cristo, colegas, professores do mestrado, que de alguma forma me ajudaram em todo o processo de desenvolvimento como pessoa e profissional também, deixo aqui o meu agradecimento de coração, e glorifico a Deus pela vida de cada um. Agradeço também aos estudantes indígenas do curso de técnico em Agropecuária do campus Amajari -IFRR, que aceitaram participar da pesquisa e me ensinaram muito, com suas respostas e reflexões.

A meu orientador, Dr. Cláudio Nei Nascimento da Silva, expresso minha mais sincera gratidão pela paciência, orientações e conversas sinceras.

RESUMO

Esta dissertação analisa a efetividade da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) para os povos indígenas, mas precisamente com os povos em pesquisa Macuxi e Wapichana por meio do Curso Técnico em Agropecuária oferecido no Campus Amajari do Instituto Federal de Roraima (IFRR). Conduzida por um pesquisador de origem indígena, a investigação reflete um compromisso pessoal e cultural com a valorização dos saberes tradicionais e a promoção de práticas educativas interculturais. A pesquisa se insere no campo de Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), que aborda estratégias pedagógicas e curriculares voltadas para a formação integral dos estudantes. Sustentada no trabalho como princípio educativo e na pesquisa como princípio pedagógico, a EPT também considera a memória e a organização dos espaços pedagógicos como parte fundamental de sua prática educativa. Metodologicamente, a pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa com triangulação de dados quantitativos, utilizando entrevistas semiestruturadas e questionários aplicados à distância. Os resultados indicam que, embora a EPT ofereça oportunidades relevantes, desafios persistem, como a distância física dos centros de ensino, a falta de políticas públicas eficazes e a carência de infraestrutura adequada. A desconexão entre os conteúdos técnicos, digitais e os saberes tradicionais frequentemente prejudica a aprendizagem e compromete a permanência dos estudantes. Apesar desses obstáculos, foram identificados casos de integração entre práticas tradicionais, como a agricultura sustentável e a medicina natural, com conhecimentos técnicos adquiridos, demonstrando possibilidades de articulação entre diferentes formas de saber. Como produto educacional, “Vozes Indígenas na Rede Federal de Ensino” emergiu como um espaço inovador de diálogo, fortalecendo a conexão entre saberes ancestrais e ensino formal. A dissertação conclui que a EPT tem potencial para se tornar uma ferramenta de emancipação para os povos indígenas, desde que construída com base em diálogo genuíno com suas culturas e demandas. A valorização dos saberes indígenas, a adoção de práticas pedagógicas inclusivas e a implementação de políticas interculturais são essenciais para preparar os jovens indígenas para o futuro sem desintegrar suas identidades culturais. Assim, a integração entre tradição e inovação surge como um

caminho promissor para uma educação mais justa e transformadora.

Palavras-Chave: Educação Profissional e Tecnológica. Saberes Tradicionais. Povos Macuxi. Povos Wapichana. Interculturalidade.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the effectiveness of Professional and Technological Education (PTE) for Indigenous peoples, specifically focusing on the Macuxi and Wapichana peoples through the Agricultural Technician Course offered at the Amajari Campus of the Federal Institute of Roraima (IFRR). Conducted by a researcher of Indigenous origin, the study reflects a personal and cultural commitment to valuing traditional knowledge and promoting intercultural educational practices. The research is situated within the field of Organization and Memories of Pedagogical Spaces in Professional and Technological Education (PTE), addressing pedagogical and curricular strategies aimed at the holistic education of students. Anchored in the principles of work as an educational foundation and research as a pedagogical principle, PTE also incorporates the memory and organization of pedagogical spaces as fundamental aspects of its educational practice. Methodologically, the study adopted a qualitative approach with the triangulation of quantitative data, employing semi-structured interviews and questionnaires administered remotely. The results indicate that, although PTE provides significant opportunities, challenges persist, such as the physical distance from educational centers, the lack of effective public policies, and insufficient infrastructure. The disconnection between technical and digital content and traditional knowledge often hinders learning and compromises student retention. Despite these obstacles, instances of integration between traditional practices, such as sustainable agriculture and natural medicine, and acquired technical knowledge were identified, showcasing possibilities for bridging diverse knowledge systems. As an educational product, "Indigenous Voices in the Federal Education Network" emerged as an innovative dialogue space, strengthening the connection between ancestral knowledge and formal education. The dissertation concludes that PTE has the potential to become an empowering tool for Indigenous peoples if built on genuine dialogue with their cultures and needs. Valuing Indigenous knowledge, adopting inclusive pedagogical practices, and implementing intercultural policies are essential to prepare Indigenous youth for the future without undermining their cultural identities. Thus, the integration of tradition and innovation emerges as a promising pathway for a more equitable and transformative education.

Keywords: Professional and Technological Education. Traditional Knowledge. Macuxi People. Wapichana People. Interculturality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico de barras com a distribuição dos participantes por etnia	58
Figura 2 – Gráfico de barras com a distribuição dos participantes por nível de escolaridade	60
Figura 3 – Gráfico de barras com os principais desafios enfrentados pelos estudantes.....	61
Figura 4 – Gráfico de barras com a percepção dos estudantes sobre a valorização dos saberes tradicionais.....	63
Figura 5 – Gráfico de barras com a percepção dos estudantes sobre a relação entre trabalho e educação.....	65
Figura 6 – Gráfico de barras com as sugestões dos estudantes para melhorias no curso	67
Figura 7 – Gráfico de barras com a avaliação geral do curso pelos estudantes	69
Figura 8 – Gráfico de barras com as expectativas futuras dos estudantes	70
Figura 9 – A colaboração entre a educação técnica e os saberes tradicionais.....	72
Figura 10 – Conhecendo as vivências dos estudantes indígenas.	72
Figura 11 – Dificuldades encontradas no percurso acadêmico	73
Figura 12 – Experiências com o acolhimento da instituição	73
Figura 13 – Conhecimentos nos diversos espaços: formais, não formais e informais	73
Figura 14 – A contribuição da formação técnica e profissional para o fortalecimento dos saberes tradicionais.....	74
Figura 15 – Resultado da enquete sobre a aprovação do Podcast “Vozes Indígenas na Rede Federal de Ensino”	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resumo da metodologia adotada.....	55
Quadro 2 – Distribuição dos níveis de escolaridade dos participantes.....	59
Quadro 3 – Principais desafios enfrentados pelos estudantes.....	61
Quadro 4 – Percepção dos estudantes sobre a valorização dos saberes tradicionais	62
Quadro 5 – Percepção dos estudantes sobre a relação entre trabalho e educação	64
Quadro 6 – Sugestões dos estudantes sobre melhorias no curso	66
Quadro 7 – Avaliação Geral do Curso pelos Estudantes.....	68
Quadro 8 – Expectativas futuras dos estudantes	70

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos participantes por etnia.....	58
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNE/CEB – Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação

IFB – Instituto Federal de Brasília

IFRR – Instituto Federal de Roraima

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PNEEI – Programa Nacional de Educação Escolar Indígena

SUMÁRIO

1 CONTEXTUALIZAÇÃO: UM ENCONTRO ENTRE ANCESTRALIDADE E PESQUISA	17
1.1 Motivações para a pesquisa.....	17
1.2 Visão geral dos capítulos.....	18
2 INTRODUÇÃO	20
2.1 Objetivos	21
2.1.1 Objetivo geral.....	22
2.1.2 Objetivos específicos.....	22
2.2 Problema	23
2.2.1 Desconexão curricular e cultural.....	23
2.2.2 Dificuldades de acesso e permanência.....	24
2.2.3 O desafio da inclusão e da interculturalidade.....	24
2.2.4 Impacto econômico e social.....	25
2.2.5 Questões de sustentabilidade.....	26
2.3 Justificativa	26
2.3.1 A importância da interculturalidade na EPT.....	27
2.3.2 Contribuição para o desenvolvimento sustentável.....	27
3 REFERENCIAL TEÓRICO	29
3.1 A exclusão histórica dos povos indígenas no sistema educacional brasileiro	29
3.2 Contribuições da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) para a formação dos estudantes indígenas	30
3.3 Barreiras estruturais e culturais na educação indígena	31
3.4 A importância da educação intercultural na EPT	32
3.5 Os desafios da implementação da EPT para os povos indígenas	33
3.6 A interculturalidade na Educação Profissional e Tecnológica	34
3.7 A importância dos saberes tradicionais na Educação Profissional e Tecnológica	36
3.8 Políticas públicas e programas de apoio à Educação Profissional e Tecnológica para povos indígenas	37
3.9 O papel dos educadores e a formação continuada na EPT indígena	39
3.10 As tecnologias na Educação Profissional e Tecnológica para os povos	

indígenas.....	40
3.11 Políticas públicas e contribuições indígenas na Educação Profissional e Tecnológica.....	41
3.12 A teoria da ecologia de saberes e sua aplicação na Educação Profissional e Tecnológica para povos indígenas.....	44
3.13 As metodologias descolonizadoras de Linda Tuhiwai Smith na Educação Profissional e Tecnológica indígena.....	45
3.14 A pedagogia da autonomia de Paulo Freire e o empoderamento dos povos indígenas.....	47
3.15 Contribuições dos pesquisadores indígenas para a Educação Profissional e Tecnológica.....	49
3.16 Marcos legais e políticas públicas na educação indígena e adaptação da EPT	51
4 METODOLOGIA	54
4.1 Caracterização da metodologia	54
4.2 Entrevistas semiestruturadas	55
5 ACHADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA	57
5.1 Análise descritiva dos participantes	57
5.1.1 Distribuição dos participantes por etnia.....	58
5.1.2 Gráfico de barras com distribuição por etnia	58
5.2 Análise do nível de escolaridade dos participantes.....	58
5.2.1 Resumo do nível de escolaridade	59
5.2.2 Análise qualitativa do nível de escolaridade	59
5.3 Análise dos desafios enfrentados pelos estudantes	60
5.3.1 Resumo dos principais desafios.....	60
5.3.2 Análise qualitativa dos desafios.....	61
5.4 Análise da valorização dos saberes tradicionais	62
5.4.1 Percepção dos estudantes sobre a valorização dos saberes tradicionais	62
5.4.2 Análise qualitativa das respostas	62
5.5 Análise da relação entre trabalho e educação.....	63
5.5.1 Percepção dos estudantes sobre a relação entre trabalho e educação	64
5.5.2 Análise qualitativa das respostas	64
5.6 Sugestões de melhorias no curso	65
5.6.1 Sugestões dos estudantes sobre melhorias no curso	66

5.6.2 Análise qualitativa das respostas	66
5.7 Avaliação geral do curso pelos estudantes	67
5.7.1 Percepção dos estudantes sobre o impacto do curso	68
5.7.2 Análise qualitativa das respostas	68
5.8 Expectativas futuras dos estudantes	69
5.8.1 Expectativas futuras dos estudantes	69
5.8.2 Gráfico de barras com expectativas futuras dos estudantes	70
6 PRODUTO EDUCACIONAL: <i>PODCAST</i> "VOZES INDÍGENAS NA REDE FEDERAL DE ENSINO-EDUCAÇÃO PROFISSIONAL SABERES TRADICIONAIS EM DIÁLOGO"	71
6.1 Apresentação e justificativa do <i>podcast</i>	71
6.2 Estrutura e organização do <i>podcast</i>	71
6.2.1 Temas dos episódios	72
6.3 Descrição e criação do <i>podcast</i>	74
6.3.1 Envolvimento dos estudantes	75
6.4 Objetivos pedagógicos e aplicação prática na educação	76
7 SABERES EM MOVIMENTO: CONECTANDO EXPERIÊNCIAS, TRADIÇÕES E INOVAÇÃO	77
7.1 Introdução: O diálogo contínuo entre saberes tradicionais e educação técnica	77
7.2 Vozes e experiências: o ensino técnico como ponte entre mundos	78
7.3 O conflito entre responsabilidades culturais e acadêmicas	79
7.4 Modelos pedagógicos e currículos flexíveis para a integração de saberes	80
8 REFLEXÕES FINAIS: A EDUCAÇÃO TÉCNICA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO E PLURALIDADE	82
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	87
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO INTEGRAL DO <i>PODCAST</i>	91

1 CONTEXTUALIZAÇÃO: UM ENCONTRO ENTRE ANCESTRALIDADE E PESQUISA

Meu nome é Diêgo da Silva Oliveira, e esta pesquisa é uma extensão direta da minha trajetória de vida e da minha herança cultural. Mais do que um estudo acadêmico, ela é fruto de uma jornada pessoal que conecta minha origem indígena, pela etnia Fulni-ô de minha mãe, ao trabalho colaborativo com os povos Macuxi e Wapichana. A ancestralidade é uma parte inseparável de quem sou, apontando não apenas minha identidade, mas também minhas escolhas como pesquisador e docente. Cresci cercado por histórias e ensinamentos que me ensinaram a importância dos saberes tradicionais e do valor da educação como ferramenta de fortalecimento cultural e desenvolvimento pessoal.

A convivência com minha mãe e familiares indígenas moldou meu olhar para o mundo e para a educação. Desde cedo, entendi que a educação pode ser mais do que um meio de inserção social e econômica – ela pode ser uma ponte entre o passado e o futuro, uma conexão viva entre tradição e inovação. Foi com essa compreensão que escolhi trabalhar com os estudantes indígenas do IFRR, das etnias Macuxi e Wapichana, povos que, além de sua resiliência e riqueza cultural, carregam histórias e práticas que ressoam profundamente com minhas experiências e valores pessoais.

1.1 Motivações para a pesquisa

Minha decisão de me envolver com a pesquisa junto aos estudantes dos povos Macuxi e Wapichana não foi casual. Ela é parte de um desejo maior de promover uma educação que respeite e valorize a identidade cultural dos povos originários. Percebo que a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), quando bem orientada, pode ser uma poderosa aliada para essas comunidades, mas apenas se construída em diálogo com seus saberes e necessidades. Essa escolha reflete um compromisso pessoal com a construção de um futuro mais justo e inclusivo.

A educação que proponho e desejo desenvolver não pode ser desconectada da realidade das comunidades indígenas; pelo contrário, deve ser uma expressão viva de suas histórias e conhecimentos. Ao longo desta jornada, cada conversa via WhatsApp ou ligação com os Macuxi e Wapichana tem sido uma oportunidade de aprendizado e crescimento mútuo, ampliando minha compreensão do que significa

educar e ser educado.

A pesquisa também se enquadra em um campo mais específico da Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Este campo trata dos processos de concepção e organização do espaço pedagógico na EPT, com foco nas estratégias transversais e interdisciplinares que possibilitem uma formação integral e significativa do estudante. Sustenta-se no trabalho como princípio educativo e na pesquisa como princípio pedagógico, em espaços formais e não formais.

Além disso, considera a construção temporal por meio dos estudos de memória da EPT, que, ao longo do tempo, vêm configurando os processos de ensino e de organização dos espaços pedagógicos.

1.2 Visão geral dos capítulos

No primeiro capítulo, compartilho os fundamentos e o contexto inicial desta pesquisa, destacando como minha trajetória pessoal e a convivência com os povos Macuxi e Wapichana influenciaram meu caminho. Apresento a conexão entre a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) e as necessidades desses povos indígenas, enfatizando a importância da integração entre o saber técnico e os saberes tradicionais, essencial para a preservação cultural e o fortalecimento das comunidades em Roraima.

No segundo capítulo, explico em profundidade a metodologia adotada. A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi desenvolvida com entrevistas semiestruturadas e questionários, sempre em diálogo com lideranças indígenas. Realizada no Campus Amajari do Instituto Federal de Roraima (IFRR), um espaço crucial para a formação de jovens indígenas, a triangulação dos dados e a participação ativa dos envolvidos garantiram a validade dos resultados e a fidelidade à realidade local.

O terceiro capítulo aborda a construção do referencial teórico que embasa este trabalho. Baseio-me em autores como Paulo Freire e Boaventura de Sousa Santos, cujas ideias sobre educação emancipatória e ecologia de saberes orientaram minhas reflexões. Discuto como metodologias descolonizadoras podem fortalecer a EPT ao integrar práticas técnicas e saberes tradicionais, valorizando a Interculturalidade.

No quarto capítulo, analiso as experiências vividas durante a pesquisa com os

estudantes indígenas do curso técnico em Agropecuária. Mostro como o diálogo entre o saber técnico e o saber tradicional enfrenta desafios, mas também abre portas. Analisamos em conjunto como as práticas do curso atendem ou não às expectativas culturais dos Macuxi e Wapichana, identificando potenciais e áreas de melhoria.

No quinto capítulo, apresento e analiso os dados coletados, oferecendo uma visão das percepções dos estudantes sobre a formação. As conversas revelaram tanto as dificuldades enfrentadas quanto as aspirações dos jovens em preservar seus saberes culturais enquanto se preparam para o futuro. Também compartilho sugestões para aprimorar os cursos e garantir sua relevância comunitária e profissional.

No sexto capítulo, introduzo o *podcast* "Vozes Indígenas na Rede Federal de Ensino", detalhando sua concepção e desenvolvimento. Com seis episódios, o *podcast* visa articular saberes técnicos e tradicionais, promovendo reflexões sobre inclusão e identidade cultural, dando voz aos estudantes indígenas. Os temas, que vão desde o acolhimento inicial até propostas para uma educação mais inclusiva, ilustram como a educação técnica pode promover autonomia e valorizar as culturas indígenas.

No sétimo capítulo, intitulado "Saberes em Movimento: Conectando Experiências, Tradições e Inovação", examino as vivências dos estudantes indígenas entrevistados para o *podcast*, destacando como a educação técnica pode conectar mundos distintos. O capítulo defende a necessidade de modelos pedagógicos flexíveis e sensíveis à realidade local, com ênfase na integração entre práticas culturais e conhecimentos técnicos. A educação é abordada não só como preparação para o trabalho, mas também como meio de preservar identidades e fortalecer comunidades.

Por fim, no oitavo capítulo, apresento recomendações para políticas institucionais e práticas pedagógicas mais inclusivas, com ênfase no acolhimento cultural e na criação de espaços específicos para a expressão e convivência intercultural. Este capítulo sublinha a importância da participação ativa dos estudantes na construção curricular e nas decisões pedagógicas, além de defender a capacitação contínua dos docentes para lidar com a diversidade cultural.

2 INTRODUÇÃO

A educação profissional e tecnológica (EPT) tem surgido como um condutor crucial para o desenvolvimento econômico e a inclusão social em muitos países, incluindo o Brasil. No contexto dos povos indígenas, a EPT não é apenas um meio para o desenvolvimento econômico, mas também uma ferramenta potencial para a preservação cultural e o fortalecimento de identidades. Contudo, a implementação de programas de EPT que respeitem e valorizem os saberes tradicionais indígenas apresenta desafios únicos, especialmente em um país com tanta diversidade cultural e histórica como o Brasil.

A legislação brasileira sobre educação indígena, especificamente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996 (Brasil, 1996), estabelece que a educação escolar indígena deve ser diferenciada, intercultural, bilíngue e comunitária, com currículos e programas específicos desenvolvidos com a comunidade e adaptados às suas necessidades. Este marco legal é complementado por políticas mais específicas, como o Decreto nº 6.861/2009 (Brasil, 2009), que institui a Educação Escolar Indígena como uma modalidade da Educação Básica.

Além dos fundamentos legais, existem normativas do Ministério da Educação que orientam a implementação de cursos e programas voltados para as populações indígenas. Estes documentos enfatizam a necessidade de uma abordagem que não apenas equipare, mas que integre os saberes indígenas às tecnologias e conhecimentos técnicos contemporâneos. A Resolução CEB nº 3, de 10 de novembro de 1999, por exemplo, orienta a organização e a oferta de educação escolar indígena nas etapas da Educação Básica, enquanto portarias e resoluções subsequentes têm buscado ampliar e qualificar a oferta de EPT para essas comunidades (Brasil, 1999).

A legislação nacional também abrange a educação superior para povos indígenas, garantindo acesso e políticas de inclusão em universidades federais, mas há uma lacuna significativa quando se trata de legislação específica para a EPT em Institutos Federais. Enquanto existem normativas claras para a educação básica e superior que abordam a necessidade de adaptar os currículos para refletir as especificidades culturais e linguísticas indígenas, a educação profissional e tecnológica ainda carece de diretrizes legais específicas que orientem sua implementação nesses contextos.

Autores como Boaventura de Sousa Santos e Linda Tuhiwai Smith têm contribuído significativamente para a compreensão dos desafios e potenciais da educação em contextos indígenas. Santos, com sua teoria da "ecologia de saberes", argumenta pela valorização de conhecimentos não-hegemônicos, como indígenas. Smith, em "*Decolonizing Methodologies*", explora as formas pelas quais as metodologias de pesquisa e educação podem ser reestruturadas para servir melhor às comunidades indígenas, valorizar seus conhecimentos tradicionais e os saberes atinentes à cultura de cada povo.

Esses autores, juntamente com a legislação e as normativas brasileiras, formam a base teórica e prática que sustenta a necessidade de uma abordagem educacional verdadeiramente inclusiva e adaptativa às realidades indígenas. A articulação entre os saberes tradicionais indígenas e a educação profissional e tecnológica oferece um caminho promissor para alcançar uma educação que seja ao mesmo tempo emancipadora e prática, proporcionando às comunidades indígenas as ferramentas necessárias para navegar e prosperar em um mundo globalizado sem perder de vista a importância da preservação e valorização de suas identidades culturais.

O cenário da educação profissional e tecnológica para os povos indígenas no Brasil, destacando tanto o quadro legislativo quanto o teórico que suportam a implementação de práticas educativas diferenciadas, tem ganhado espaço e atenção. A criação do Ministério dos Povos Indígenas, bem como a representação indígena no Congresso, são sinais claros da relevância crescente desse tema na pauta nacional. Através de uma educação que respeita e valoriza os saberes indígenas, há a possibilidade de construção de uma educação que promova não apenas o desenvolvimento econômico, mas também o fortalecimento das identidades culturais dos povos originários.

2.1 Objetivos

A presente dissertação tem como foco analisar e discutir os desafios e as potencialidades da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no contexto dos povos Macuxi e Wapichana, em Roraima. Para tanto, o estudo investiga como a implementação da EPT, por meio do Curso Técnico em Agropecuária no Campus Amajari do Instituto Federal de Roraima (IFRR), pode contribuir para o desenvolvimento sustentável dessas comunidades, preservando e fortalecendo seus

saberes tradicionais e culturais.

2.1.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste estudo é analisar a efetividade da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) nas comunidades Macuxi e Wapichana, com o intuito de compreender como essa modalidade de ensino pode promover a emancipação, o fortalecimento da identidade cultural e o desenvolvimento sustentável dessas comunidades, à luz dos marcos legais e das teorias contemporâneas de educação intercultural.

2.1.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos da pesquisa incluem:

- Compreender o impacto das políticas públicas de EPT direcionadas às comunidades Macuxi e Wapichana, tomando como base uma análise dos marcos legais e das normativas educacionais que conversem com essas realidades, destacando como essas políticas dialogam com as necessidades e especificidades desses povos.
- Investigar as percepções dos estudantes Macuxi e Wapichana sobre o Curso Técnico em Agropecuária, explorando de que forma essas percepções tem influência ou não na permanência, seu êxito acadêmico e a integração entre os que se aprende no curso técnico e os conhecimentos tradicionais que carregam.
- Analisar de que maneira a inclusão dos saberes tradicionais e culturais dos povos Macuxi e Wapichana são abordados nos currículos da EPT como um eixo para o fortalecimento da identidade cultural e a valorização das práticas sustentáveis que são intrínsecas a essas comunidades, por toda realidade dos povos indígenas, além utilizarem da natureza como principal meio de sobrevivência, promovendo uma educação contextualizada e alinhada à realidade local.
- Propor recomendações para o aprimoramento das políticas de EPT voltadas para as comunidades Macuxi e Wapichana, no campus Amajari visando uma articulação mais conectada e efetiva entre os saberes técnicos e os conhecimentos tradicionais e culturais, em busca de uma educação que reconheça e valorize a bagagem cultural desses

povos.

2.2 Problema

A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) voltada para os povos indígenas no Brasil enfrenta uma série de desafios que limitam sua efetividade como ferramenta de inclusão social e promoção do desenvolvimento sustentável. O principal problema que este estudo busca investigar é a desconexão entre os currículos técnicos oferecidos pelas instituições de ensino e as realidades socioculturais das comunidades indígenas. Esse descompasso resulta em dificuldades para a adaptação dos estudantes indígenas ao ambiente escolar, além de contribuir para altas taxas de evasão e para a subutilização das potencialidades que a EPT pode oferecer no contexto dessas comunidades.

A EPT, conforme previsto nos marcos legais brasileiros, deve promover uma educação que respeite a diversidade cultural e linguística dos povos indígenas, proporcionando a esses estudantes condições para o desenvolvimento de suas potencialidades de maneira que estejam alinhadas às suas tradições e modos de vida. No entanto, a prática mostra que a oferta de cursos técnicos, muitas vezes, desconsidera os saberes tradicionais e as especificidades culturais, o que gera uma ruptura entre o ensino oferecido e as necessidades das comunidades.

2.2.1 Desconexão curricular e cultural

Um dos aspectos centrais que caracterizam o problema investigado neste estudo é a ausência de uma integração efetiva entre os saberes técnicos e os saberes tradicionais das comunidades indígenas. A maioria dos cursos oferecidos pelas instituições de EPT seguem uma lógica ocidentalizada e tecnicista, que valoriza o conhecimento científico e tecnológico em detrimento dos modos de vida e das práticas culturais dos povos indígenas. Essa desconexão tem sérias implicações para o processo de ensino-aprendizagem, pois gera desinteresse e desmotivação por parte dos estudantes indígenas, que não se reconhecem nos conteúdos abordados nos cursos.

Além disso, a falta de preparo dos educadores para lidar com a diversidade cultural também agrava o problema. Muitos professores que atuam nas escolas técnicas e institutos federais não possuem formação adequada para compreender as especificidades dos estudantes indígenas, o que dificulta a criação de um

ambiente educacional acolhedor e inclusivo. Como resultado, as práticas pedagógicas acabam reforçando a exclusão e a marginalização dos povos indígenas dentro do sistema educacional.

2.2.2 Dificuldades de acesso e permanência

Outro ponto crucial do problema é o difícil acesso das comunidades indígenas às instituições de EPT, que estão, em sua maioria, localizadas em áreas urbanas, distantes das aldeias e dos territórios indígenas. Essa barreira geográfica é agravada pela ausência de políticas públicas de apoio que garantam a permanência dos estudantes indígenas nos cursos técnicos. Faltam programas de assistência estudantil, como bolsas de estudo, transporte gratuito e moradia, que possibilitem que os estudantes indígenas frequentem os cursos de EPT sem serem prejudicados por suas condições econômicas e pela distância das instituições.

A evasão escolar nas escolas técnicas que atendem aos estudantes indígenas é um problema recorrente e está diretamente relacionada às dificuldades de adaptação ao ambiente escolar. A falta de infraestrutura adequada, aliada à ausência de materiais didáticos bilíngues e à desconsideração pelos saberes tradicionais, cria um ambiente educacional que não atende às expectativas e necessidades dos estudantes indígenas, resultando em altas taxas de abandono dos cursos.

2.2.3 O desafio da inclusão e da interculturalidade

A inclusão dos povos indígenas no sistema de EPT é um desafio que vai além do simples acesso às instituições de ensino. É necessário garantir que esses estudantes tenham uma educação que respeite suas identidades culturais e que promova uma formação que dialogue com suas tradições e modos de vida. A educação intercultural, conforme prevista pela Constituição de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), deve ser o fundamento das políticas públicas voltadas para a EPT indígena. Contudo, na prática, a Interculturalidade ainda é tratada de forma superficial nas escolas técnicas, sem um real compromisso com a valorização dos saberes indígenas.

Um dos principais problemas observados na implementação da EPT nas comunidades indígenas é a falta de diálogo entre as lideranças indígenas e os gestores educacionais no processo de elaboração dos cursos técnicos. As

instituições de ensino técnico, em sua maioria, elaboram os currículos e as ofertas de cursos sem consultar as comunidades indígenas, o que resulta em uma oferta de cursos que muitas vezes não atende às demandas e expectativas dessas comunidades. Essa ausência de participação indígena na gestão educacional é uma barreira significativa para a construção de uma educação profissional que seja inclusiva e relevante para os povos indígenas.

2.2.4 Impacto econômico e social

O fracasso na implementação de uma EPT que atenda de maneira adequada os povos indígenas revela um problema de proporções preocupantes, com impactos econômicos e sociais que vão além do mero acesso à formação. A ausência de um ensino técnico que se alinhe às realidades locais acaba por limitar as possibilidades de que os jovens indígenas apliquem o conhecimento adquirido em prol do desenvolvimento sustentável de suas comunidades. Esse cenário, por sua vez, força muitos desses jovens a deixarem suas aldeias e partirem para as cidades em busca de emprego, iniciando um processo de migração que contribui para a desintegração e o enfraquecimento de suas próprias comunidades.

Esse êxodo rural acarreta graves consequências para a sustentabilidade econômica e cultural das aldeias, que perdem não só a força de trabalho jovem, mas também lideranças que poderiam impulsionar iniciativas de desenvolvimento local. Quando a formação técnica não dialoga com as práticas e saberes tradicionais, ocorre uma desvalorização dos conhecimentos indígenas, o que enfraquece a identidade cultural e amplia o risco de aculturação, afastando ainda mais os jovens de suas raízes.

A falta de políticas públicas que incentivem a permanência dos estudantes indígenas nos cursos de EPT e a ausência de uma educação que respeite e valorize os valores culturais das comunidades emergem como os principais entraves ao sucesso da EPT no contexto indígena. Assim, o problema não se limita à simples oferta de cursos técnicos, mas recai sobre a forma como esses cursos são planejados e executados, muitas vezes sem considerar as especificidades culturais, linguísticas e sociais que são essenciais para o desenvolvimento e fortalecimento das comunidades indígenas.

2.2.5 Questões de sustentabilidade

A Educação Profissional e Tecnológica deveria, embora em teoria, ser uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento sustentável das comunidades indígenas, ao fornecer aos estudantes indígenas o conhecimento técnico necessário para gerenciar de maneira sustentável seus recursos naturais e promover a autonomia econômica de suas aldeias. No entanto, a desconexão entre o conteúdo dos cursos e as práticas tradicionais das comunidades impede que a EPT cumpra esse papel.

O foco excessivo em conhecimentos ocidentais, voltados para o mundo do trabalho urbano, limita a aplicabilidade dos cursos técnicos no contexto rural das comunidades indígenas. A falta de integração entre o saber técnico e o saber tradicional, além da ausência de uma educação voltada para a sustentabilidade, compromete o potencial transformador da EPT e agrava a exclusão social e econômica dos povos indígenas.

Em suma, o problema central que este estudo busca investigar é como a falta de uma integração entre a educação técnica e os saberes tradicionais das comunidades indígenas compromete a efetividade da EPT como ferramenta de inclusão social e de promoção do desenvolvimento sustentável. As dificuldades de acesso, a desconexão curricular, a falta de diálogo com as comunidades indígenas e a ausência de políticas públicas eficazes são fatores que precisam ser enfrentados para que a EPT possa cumprir seu papel transformador nas comunidades indígenas.

2.3 Justificativa

A pesquisa sobre a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) para povos indígenas no Brasil justifica-se pela necessidade urgente de inclusão social e econômica dessas comunidades, historicamente marginalizadas no acesso à educação formal. A EPT possui o potencial de impulsionar o desenvolvimento sustentável das comunidades indígenas, ao capacitá-las para gerenciar seus recursos naturais de forma autônoma e fortalecer suas práticas culturais. Para que isso se concretize, é essencial que a educação técnica seja adaptada às realidades socioculturais e econômicas dessas comunidades.

Essa pesquisa também se baseia na lacuna entre as políticas públicas para a EPT indígena e sua implementação prática. Embora a Constituição de 1988 (Brasil, 1988) e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (Brasil, 1996) garantam o direito a uma

educação diferenciada e intercultural, na prática, as instituições de EPT enfrentam dificuldades para adaptar currículos e metodologias às especificidades culturais dos estudantes indígenas. Como resultado, a evasão escolar é elevada, e muitos estudantes não conseguem concluir seus cursos ou aplicar os conhecimentos adquiridos em suas comunidades.

A inclusão dos povos indígenas na EPT vai além do acesso ao mercado de trabalho, devendo ser uma estratégia para fortalecer a identidade cultural e a autonomia econômica das comunidades. Ao integrar saberes tradicionais ao ensino técnico, as instituições de EPT podem contribuir para a preservação cultural e a construção de uma educação mais inclusiva e relevante. Essa perspectiva é vital no contexto das políticas de desenvolvimento sustentável, que demandam uma formação técnica que dialogue com práticas sustentáveis de manejo de recursos naturais, inerentes aos povos indígenas.

2.3.1 A importância da interculturalidade na EPT

A Interculturalidade é um princípio fundamental que justifica a adaptação da EPT às realidades indígenas. Esse conceito transcende a oferta de conteúdos bilíngues ou temas culturais nos currículos. Trata-se de um processo profundo, que envolve o diálogo entre sistemas de conhecimento para valorizar saberes tradicionais e respeitar as práticas culturais indígenas. Assim, a EPT deve permitir a coexistência entre o saber técnico e o tradicional, em complementaridade.

A justificativa desta pesquisa se alinha às diretrizes da LDB e do Plano Nacional de Educação (PNE), que ressaltam a importância do acesso dos povos indígenas à educação profissional e tecnológica. Para que esse acesso seja efetivo, é crucial que as instituições de ensino técnico construam uma educação intercultural, que respeite a diversidade cultural e linguística dos povos indígena e promova sua inclusão social e econômica. A falta de uma educação técnica adequada perpetua a exclusão social e compromete o desenvolvimento sustentável dessas populações, que dependem da preservação de seus territórios e práticas culturais para garantir sua sobrevivência.

2.3.2 Contribuição para o desenvolvimento sustentável

A pesquisa também se justifica pela sua contribuição potencial para o desenvolvimento sustentável das comunidades indígenas. A EPT, adaptada às

realidades locais, pode ser uma ferramenta para a promoção da sustentabilidade econômica, social e ambiental. Os povos indígenas desempenham historicamente um papel crucial na preservação dos ecossistemas e na gestão sustentável dos recursos naturais. Contudo, a falta de uma formação técnica que dialogue com essas práticas limita a capacidade das comunidades indígenas de aplicar o conhecimento técnico em benefício de suas terras e economia.

Ao investigar como a EPT pode ser ajustada para respeitar e valorizar os saberes tradicionais indígenas, esta pesquisa apoia a construção de políticas públicas que promovam o desenvolvimento sustentável dessas populações. A integração entre saber técnico e saber tradicional possibilita que os estudantes indígenas apliquem os conhecimentos adquiridos para fortalecer práticas de manejo sustentável e desenvolver projetos que promovam a autonomia econômica de suas comunidades, sem perder seus valores culturais.

Assim, esta pesquisa é justificada pela necessidade de promover uma educação profissional e tecnológica que seja inclusiva, intercultural e capaz de contribuir para o desenvolvimento sustentável das comunidades indígenas. Ao investigar os desafios e possibilidades da EPT no contexto indígena, ela visa fornecer subsídios para políticas públicas mais eficazes, que garantam o acesso, a permanência e o sucesso dos estudantes indígenas, ao mesmo tempo em que promovem a preservação cultural e o desenvolvimento sustentável.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A exclusão histórica dos povos indígenas no sistema educacional brasileiro

A exclusão dos povos indígenas no sistema educacional brasileiro é um fenômeno histórico que remonta ao período da colonização. Desde a chegada dos europeus ao Brasil, os povos indígenas foram alijados do processo de construção do sistema educacional formal, o que resultou em uma exclusão generalizada e contínua que persiste até os dias atuais. Como aponta Baniwa (2006, p. 17), “vários fatores contribuíram para a marginalização dos povos indígenas, incluindo a tentativa de assimilação cultural e a imposição de valores coloniais” (Baniwa, 2006, p. 17). Essa exclusão sistemática resultou em um sistema educacional que, ao invés de incluir, reforçou a marginalização cultural e social das comunidades indígenas.

Ao longo dos séculos, os esforços para integrar os povos indígenas ao sistema educacional brasileiro foram marcados por tentativas de assimilação cultural, desconsiderando os saberes tradicionais dessas populações. Segundo Camuso (2011, p. 121), “as políticas educacionais voltadas aos povos indígenas muitas vezes se mostraram ineficazes, pois tentavam inseri-los em um sistema que não reconhecia suas identidades culturais”. Essa inadequação revela o fracasso das políticas públicas em promover uma verdadeira inclusão e adaptação do currículo às necessidades indígenas.

A exclusão educacional dos povos indígenas vai além do acesso físico às instituições de ensino. Também envolve a falta de reconhecimento dos saberes tradicionais, como enfatiza Souza (2020, p. 12), ao afirmar que “o currículo das instituições de ensino no Brasil desconsidera as práticas e conhecimentos dos povos indígenas, perpetuando a marginalização dessas comunidades”. A omissão de conteúdos voltados aos saberes tradicionais contribui para o distanciamento cultural e a evasão escolar, além de aumentar as desigualdades educacionais.

Embora a legislação brasileira, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, reconheça a necessidade de uma educação diferenciada e bilíngue para os povos indígenas, a implementação dessas diretrizes ainda enfrenta muitos desafios. De acordo com Baniwa (2006, p. 93), “a educação intercultural para os povos indígenas ainda é tratada de maneira superficial, e sua

execução encontra obstáculos nas instâncias governamentais responsáveis". Isso evidencia uma carência de políticas educacionais realmente eficazes para essas comunidades.

A exclusão educacional dos povos indígenas reflete uma falha estrutural no sistema educacional brasileiro, o qual prioriza saberes ocidentais em detrimento dos conhecimentos tradicionais. Como destaca Souza (2020, p. 18), "a invisibilidade da cultura indígena nas escolas brasileiras é um reflexo direto da dominação cultural e política imposta desde o período colonial". Para superar essa exclusão, é fundamental que as políticas públicas educacionais sejam reformuladas, de forma a reconhecer e valorizar os saberes indígenas.

Diante desse cenário, a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) emerge como uma alternativa para a inclusão educacional e o fortalecimento cultural dos povos indígenas. Segundo Alves (2017, p. 215), "a EPT, ao integrar saberes técnicos e tradicionais, pode se tornar uma ferramenta de transformação social e econômica nas comunidades indígenas". Ao respeitar as particularidades culturais, a EPT pode proporcionar autonomia e desenvolvimento sustentável para esses povos, sem abrir mão de suas tradições.

Em suma, a exclusão histórica dos povos indígenas no sistema educacional brasileiro representa um desafio contínuo. A EPT, quando implementada de forma inclusiva e intercultural, pode oferecer uma solução ao proporcionar uma educação que respeite os saberes tradicionais e promova o desenvolvimento econômico e social das comunidades indígenas.

3.2 Contribuições da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) para a formação dos estudantes indígenas

A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) tem o potencial de transformar vidas nas comunidades indígenas, promovendo tanto a formação técnica quanto a preservação dos saberes tradicionais. Como coloca Munduruku (2018, p. 34), "a educação técnica pode se tornar um espaço de valorização cultural, desde que os saberes tradicionais sejam incorporados ao currículo". Essa integração entre o saber técnico e o tradicional assegura que o desenvolvimento econômico não ameace os valores culturais.

Entre os benefícios da EPT para estudantes indígenas está a possibilidade de aliar saberes técnicos a práticas tradicionais. Silva (2019, p. 98) comenta que "os

cursos técnicos proporcionam ferramentas econômicas que podem beneficiar suas comunidades”. Em contextos onde a subsistência depende de práticas sustentáveis, como a agricultura e o manejo florestal, essa formação técnica potencializa o uso sustentável de recursos, sem sobrepor a cultura indígena.

Quando bem planejada, a EPT torna-se instrumento de desenvolvimento sustentável, com currículos adaptados às realidades locais e em respeito às tradições culturais. Souza (2020, p. 105) afirma que “a inclusão dos saberes tradicionais nos currículos da EPT transforma esses cursos em ferramentas de preservação cultural e geração de renda sustentável”. Munduruku (2018, p. 56) complementa, defendendo que “os cursos técnicos, ajustados para incluir práticas tradicionais, podem preservar e transmitir os saberes”.

A EPT também fortalece a valorização dos saberes indígenas, evidenciando sua importância para o mundo moderno. Silva (2019, p. 123) observa que “a integração dos saberes técnicos e tradicionais é essencial para que os povos indígenas preservem sua identidade e prosperem economicamente”. Essa valorização garante a continuidade das tradições, resistindo às pressões globais.

3.3 Barreiras estruturais e culturais na educação indígena

A EPT enfrenta barreiras estruturais e culturais que dificultam o acesso dos estudantes indígenas. As barreiras estruturais estão ligadas à localização remota das comunidades, dificultando o acesso às instituições de ensino técnico. Como coloca Souza (2020, p. 142), “a distância entre as aldeias e as instituições de ensino técnico é uma das principais barreiras ao acesso dos estudantes indígenas”. A falta de infraestrutura e apoio também agrava a situação, criando obstáculos para a permanência desses estudantes.

Culturalmente, as barreiras enfrentadas pelos povos indígenas na EPT são igualmente complexas. A educação técnica, historicamente moldada por valores ocidentais, frequentemente ignora as especificidades culturais indígenas. Souza (2020, p. 67) salienta que “a exclusão de saberes tradicionais nos currículos reforça a alienação dos estudantes indígenas e desvaloriza suas tradições”. A inclusão desses saberes poderia tornar a EPT mais relevante e contextualizada. Além disso, a maioria dos professores da EPT não recebe formação específica para lidar com a diversidade cultural, perpetuando estereótipos e práticas pedagógicas descontextualizadas. Souza (2020, p. 75) explica que “sem uma formação adequada,

muitos educadores replicam métodos que não consideram a cultura dos estudantes indígenas", dificultando um ambiente de aprendizado inclusivo.

Outro obstáculo é a escassez de materiais didáticos bilíngues. Em várias comunidades, as línguas nativas são a base do cotidiano, mas, como aponta Souza (2020, p. 82), "a produção de materiais bilíngues ainda é limitada, dificultando o ensino-aprendizagem e contribuindo para a evasão escolar". A valorização dessas línguas é essencial para o sucesso educacional dos estudantes e para a preservação cultural.

Adicionalmente, há desafios institucionais que limitam a inclusão dos povos indígenas na EPT. A Constituição Federal de 1988 garante o direito à educação diferenciada, mas, segundo Souza (2020, p. 110), "as instituições de ensino técnico, em sua maioria, elaboram currículos sem consultar as lideranças indígenas, resultando em cursos que não atendem às expectativas das comunidades". A inclusão de lideranças no planejamento educacional é essencial para que a EPT atenda às necessidades reais das comunidades.

3.4 A importância da educação intercultural na EPT

A Interculturalidade se torna fundamental quando se discute a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) voltada aos povos indígenas, pois representa mais do que uma inclusão simbólica: é a prática de respeito e diálogo entre conhecimentos. A Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) asseguram esse direito à diversidade, mas a aplicação prática ainda encontra obstáculos. Baniwa (2018, p. 50) alerta que "a educação intercultural precisa ser mais do que uma inclusão superficial de conteúdos culturais; ela deve ser uma prática pedagógica que promova o diálogo entre diferentes sistemas de conhecimento".

No contexto da EPT, a Interculturalidade visa criar um ambiente de interação entre saberes técnicos e tradicionais, garantindo que os estudantes indígenas se sintam representados e valorizados. Munduruku (2018, p. 36) descreve que "a educação intercultural é uma forma de resistência cultural, onde os saberes indígenas se integram ao currículo técnico", fortalecendo não só a identidade indígena, mas o potencial das comunidades.

Mais do que promover a diversidade cultural, a Interculturalidade na EPT também fortalece o desenvolvimento econômico sustentável das comunidades indígenas. Santos (2020, p. 90) explica que "a educação intercultural permite que os

povos indígenas utilizem o conhecimento técnico sem abrir mão de suas tradições, alinhando a formação às suas necessidades e expectativas". Integrar saberes tradicionais aos currículos técnicos preserva as práticas culturais, ao mesmo tempo que capacita para o mercado de trabalho contemporâneo.

Para uma Interculturalidade efetiva, é necessário que saberes técnicos e tradicionais se fundam nos currículos. Silva (2020, p. 95) defende que "a inclusão dos saberes tradicionais não deve ser uma adição superficial, mas uma profunda reformulação do currículo", essencial para tornar a educação técnica relevante para as comunidades indígenas.

Projetos como o Xingu, que integra o manejo sustentável da floresta com técnicas de agroecologia, mostram como a educação intercultural conecta os saberes tradicionais com o conhecimento técnico. "O Projeto Xingu demonstra a relevância de uma educação que une preservação cultural ao desenvolvimento econômico" (Souza, 2020, p. 130). Esse tipo de projeto é exemplo de uma EPT ajustada à realidade local.

3.5 Os desafios da implementação da EPT para os povos indígenas

A implementação da EPT para povos indígenas enfrenta grandes desafios, tanto estruturais quanto culturais, que comprometem a inclusão e o desenvolvimento sustentável. Alves (2017, p. 56) salienta que "as políticas voltadas para a educação indígena enfrentam obstáculos que comprometem a inclusão efetiva nas instituições de EPT", expondo uma distância entre políticas e realidades locais.

A distância geográfica entre aldeias e centros urbanos é uma das barreiras ao acesso de estudantes indígenas à EPT. Silva (2020, p. 61) menciona que "a distância entre comunidades indígenas e instituições de EPT dificulta a educação formal". Além disso, a falta de infraestrutura, como transporte e moradia, agrava a evasão escolar, pois muitos estudantes não conseguem manter a frequência.

Outro desafio é a escassez de políticas que incentivem a permanência dos estudantes indígenas. Apesar de existirem auxílios, como bolsas e transporte gratuito, eles não atendem plenamente às necessidades dos indígenas que vivem em áreas remotas. Souza (2020, p. 73) afirma que "a falta de apoio à permanência contribui para as altas taxas de evasão". Sem esse suporte, muitos estudantes abandonam o ensino técnico para sustentar suas famílias.

As barreiras culturais também exercem impacto significativo. Munduruku

(2018, p. 44) observa que "as instituições de EPT desconsideram as especificidades culturais indígenas, impondo um currículo ocidentalizado". Essa falta de integração leva à desmotivação dos estudantes indígenas, que não se veem representados nos cursos.

A formação insuficiente dos professores para lidar com a diversidade cultural também limita a eficácia da EPT para indígenas. Santos (2020, p. 82) aponta que "a ausência de formação específica dos professores contribui para a exclusão nas instituições de EPT". É essencial que os educadores recebam capacitação contínua para promover uma prática pedagógica inclusiva e intercultural.

A discriminação também é um problema recorrente, reforçando o preconceito dentro das instituições. Silva (2020, p. 75) comenta que "o preconceito contra estudantes indígenas contribui para o abandono dos cursos". Para reverter essa situação, as instituições precisam adotar políticas de combate à discriminação, promovendo respeito e inclusão.

Outro ponto crítico é a falta de adaptação dos currículos técnicos aos saberes tradicionais, o que compromete a relevância da EPT. Munduruku (2018, p. 33) destaca que "os currículos raramente incluem conteúdos que dialoguem com as práticas culturais indígenas". Sem essa adequação, a educação técnica se torna distante das realidades dos estudantes indígenas.

Além disso, o diálogo entre gestores educacionais e comunidades indígenas é essencial para uma EPT significativa. Baniwa (2018, p. 88) explica que "a ausência de participação indígena no planejamento educacional é uma barreira para uma EPT inclusiva". Incluir lideranças indígenas no planejamento educacional garante uma educação contextualizada e relevante para suas necessidades.

3.6 A interculturalidade na Educação Profissional e Tecnológica

A Interculturalidade é essencial para construir uma Educação Profissional e Tecnológica (EPT) inclusiva que respeite as realidades dos povos indígenas. Como destaca Boaventura de Sousa Santos, a Interculturalidade valoriza a coexistência de diversos conhecimentos, respeitando as especificidades culturais de cada grupo (Santos, 2006). Na EPT, essa abordagem exige adaptação de currículos e práticas pedagógicas para promover o diálogo entre saberes técnicos e tradições indígenas, transformando a educação em uma ferramenta de inclusão.

A interculturalidade vai além de incluir conteúdos culturais nos currículos;

exige valorizar saberes indígenas como legítimos e igualmente valiosos. Munduruku (2018, p. 56) reforça que “a interculturalidade não é apenas teórica, mas uma prática necessária nas instituições de ensino para garantir que estudantes indígenas se sintam respeitados em suas identidades”. Essa valorização é uma resistência cultural contra a assimilação, permitindo que os saberes indígenas permaneçam vivos.

Implementar a interculturalidade nas instituições de EPT demanda reformulação curricular para alinhar a educação com as práticas culturais indígenas. Segundo Silva (2020, p. 78), “a Interculturalidade torna a EPT uma ferramenta de inclusão social ao permitir que estudantes indígenas vejam sua cultura nos conteúdos educacionais”. A participação das lideranças indígenas no planejamento é crucial para garantir que os cursos reflitam as necessidades das comunidades.

Além disso, a interculturalidade requer uma formação intercultural para os professores da EPT. Educadores preparados para lidar com a diversidade cultural nas salas de aula contribuem para que os saberes indígenas sejam reconhecidos. Souza (2020, p. 68) observa que “a formação intercultural dos professores é vital para o sucesso da EPT nas comunidades indígenas”. Sem essa preparação, práticas pedagógicas podem reforçar a marginalização dos povos indígenas.

Outro ponto crucial é o reconhecimento da diversidade linguística indígena. Muitas comunidades possuem línguas próprias, fundamentais para preservar suas culturas e identidades. No entanto, a EPT frequentemente ignora essa diversidade, oferecendo cursos apenas em português, dificultando a inclusão. Baniwa (2018, p. 75) defende que “a valorização das línguas indígenas fortalece a identidade cultural dos estudantes”. A educação bilíngue é vital para preservar essas línguas e promover a inclusão educacional dessas comunidades.

Incorporar saberes tradicionais nos currículos técnicos também é essencial. Práticas indígenas, como o manejo sustentável dos recursos naturais, podem enriquecer os cursos de EPT, conectando educação técnica às realidades locais e promovendo o desenvolvimento sustentável. Krenak (2019, p. 92) destaca que “a interculturalidade na EPT não é apenas inclusão cultural, mas também estratégia para promover o desenvolvimento sustentável”.

Apesar da importância da interculturalidade, sua implementação enfrenta resistência, especialmente entre educadores e gestores que priorizam o conhecimento ocidental. Santos (2020, p. 101) aponta que “a resistência à

interculturalidade nas instituições de EPT manifesta-se no preconceito e na valorização exclusiva do conhecimento científico ocidental”. Superar essa resistência requer políticas públicas que incentivem a valorização dos saberes indígenas. A interculturalidade, porém, não deve ser uma via de mão única onde apenas saberes indígenas se adaptam ao ensino técnico; é um diálogo entre conhecimentos, onde saberes técnicos e tradicionais se enriquecem mutuamente. Munduruku (2018, p. 68) explica que “a interculturalidade é uma via de mão dupla, onde saberes técnicos e tradicionais se complementam, promovendo o respeito à diversidade cultural”. Essa troca é fundamental para uma educação verdadeiramente intercultural.

3.7 A importância dos saberes tradicionais na Educação Profissional e Tecnológica

Saberes tradicionais indígenas são uma fonte rica de conhecimento, essencial para construir uma EPT inclusiva que respeite as culturas indígenas. Boaventura de Sousa Santos (2006) observa que “os saberes tradicionais são cruciais para construir um mundo mais justo e sustentável” (Santos, 2006, p. 120). Integrar esses conhecimentos no sistema educacional cria alternativas de desenvolvimento alinhadas com as realidades indígenas.

Saberes tradicionais incluem práticas sustentáveis de manejo e sistemas de cura com plantas medicinais, transmitidos oralmente entre gerações. Munduruku (2018, p. 74) afirma que “os saberes tradicionais são a base da identidade indígena, essenciais para a sobrevivência cultural”. Esses conhecimentos sustentam a cultura e identidade indígena, preservando-a frente às pressões da globalização.

Integrar saberes tradicionais na EPT torna a educação mais relevante para estudantes indígenas. Silva (2020, p. 65) destaca que “quando os saberes tradicionais são integrados ao ensino técnico, os estudantes se sentem mais motivados e engajados”. Essa conexão fortalece o engajamento e pertencimento dos estudantes, especialmente na EPT, onde conteúdos frequentemente parecem distantes das realidades indígenas.

Valorização dos saberes tradicionais também promove o desenvolvimento sustentável nas comunidades. Muitas práticas tradicionais respeitam o meio ambiente e oferecem soluções para desafios ambientais contemporâneos. Krenak (2019, p. 82) afirma que “os saberes indígenas oferecem soluções práticas para desafios ambientais”. Incorporar esses saberes permite unir sustentabilidade e

educação técnica.

No entanto, a inclusão enfrenta resistência de alguns educadores e gestores que veem saberes tradicionais como inferiores ao conhecimento ocidental. Santos (2020, p. 95) argumenta que “a desvalorização dos saberes tradicionais nas instituições de EPT reflete uma visão colonialista”. Superar essa visão exige reconhecer os saberes indígenas como legítimos e enriquecedores.

Faltam também materiais didáticos que valorizem esses saberes. A maioria dos materiais utilizados na EPT centra-se no conhecimento técnico ocidental, limitando a inclusão dos saberes indígenas. Souza (2020, p. 109) observa que “a ausência de materiais didáticos que integrem os saberes tradicionais compromete a efetividade da EPT”. Desenvolver esses materiais é essencial para uma EPT culturalmente relevante.

Por fim, a inclusão dos saberes tradicionais fortalece a identidade cultural dos estudantes indígenas. Munduruku (2018, p. 68) afirma que “a valorização dos saberes tradicionais fortalece a autoestima e empodera os estudantes indígenas”. Essa valorização promove empoderamento e orgulho cultural, fazendo da EPT uma ferramenta de autonomia.

3.8 Políticas públicas e programas de apoio à Educação Profissional e Tecnológica para povos indígenas

As políticas públicas para a inclusão dos povos indígenas na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) evoluíram, sobretudo após a Constituição de 1988, que assegurou o direito a uma educação diferenciada (Brasil, 1988). Contudo, a implementação prática ainda encontra desafios, como a falta de recursos e infraestrutura. Souza (2020, p. 102) observa que “há uma lacuna entre o que está previsto na legislação e o que é efetivamente implementado”, o que perpetua as barreiras educacionais para as comunidades indígenas.

Entre as iniciativas, o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), criado em 2011, visa ampliar o acesso à educação técnica, incluindo povos indígenas. Porém, o PRONATEC enfrentou dificuldades em adaptar seus cursos às realidades culturais indígenas. Silva (2020, p. 107) destaca que “os cursos oferecidos seguem uma lógica ocidental, sem considerar os saberes indígenas”, o que limita a inclusão efetiva do programa.

Outro programa relevante é o Programa Nacional de Educação Escolar

Indígena (PNEEI), que promove uma educação técnica intercultural, integrando saberes indígenas aos currículos de EPT. Segundo Santos (2020, p. 110), “o PNEEI é um avanço significativo, mas enfrenta limitações na infraestrutura e na formação de professores”.

A política de cotas, estabelecida pela Lei nº 12.711/2012 (Brasil, 2012), foi outro marco na inclusão de indígenas no ensino superior, e sua atualização, com a Lei nº 14.723/2023 (Brasil, 2023), fortaleceu o monitoramento e a permanência dos estudantes indígenas. Além de garantir o acesso, a nova lei amplia suporte durante o curso, com auxílio estudantil, alimentação e moradia. Isso assegura não só o ingresso, mas a conclusão dos cursos, mitigando barreiras socioeconômicas. Krenak (2019, p. 114) afirma que “a política de cotas foi crucial, mas ainda há desafios para ampliar a inclusão na EPT”.

A representatividade indígena nas instituições também foi ampliada, promovendo um ambiente acadêmico mais inclusivo e acolhedor. Ao considerar a proporção demográfica dos povos indígenas, a nova legislação incentiva a presença indígena e ações afirmativas, fortalecendo o desenvolvimento acadêmico dos estudantes.

Essas políticas afirmativas garantem não apenas o ingresso de indígenas nas instituições, mas também a permanência e o sucesso, promovendo uma inclusão mais eficaz.

Contudo, a inclusão indígena na EPT não pode depender apenas de políticas de acesso; é crucial que existam políticas de permanência que assegurem a conclusão dos cursos. Sem assistência estudantil, como bolsas, transporte e moradia, as taxas de evasão permanecem altas. Souza (2020, p. 118) aponta que “sem políticas de permanência, a evasão entre estudantes indígenas é alta”.

Outro ponto essencial é a participação das lideranças indígenas no desenvolvimento e implementação das políticas educacionais, para que os cursos atendam às reais necessidades dessas comunidades. Silva (2020, p. 123) observa que “a participação ativa das lideranças é essencial para o sucesso dos programas de EPT”.

Por fim, a interculturalidade, princípio da Lei de Diretrizes e Bases, deve orientar as políticas para a EPT indígena, valorizando os saberes tradicionais e integrando-os aos currículos técnicos. Krenak (2019, p. 126) afirma que “a interculturalidade é essencial para uma educação técnica inclusiva e respeitosa das

tradições indígenas”.

3.9 O papel dos educadores e a formação continuada na EPT indígena

A formação dos educadores é vital para a inclusão indígena na EPT. Professores que atuam com estudantes indígenas enfrentam desafios específicos e precisam estar preparados para lidar com a diversidade cultural, incorporando saberes tradicionais aos currículos. Silva (2020, p. 145) observa que “a formação continuada é pilar para uma educação intercultural e inclusiva”.

Apesar disso, muitos educadores na EPT não possuem formação específica para trabalhar com estudantes indígenas, refletindo uma visão tecnicista que ignora a interculturalidade. Souza (2020, p. 149) destaca que “a formação docente ainda é focada no ensino técnico ocidental”, o que limita a capacidade dos professores em lidar com a diversidade cultural.

Para uma atuação eficaz, a formação continuada dos professores deve incluir conteúdos sobre cultura, história e saberes indígenas, além de metodologias participativas que promovam o diálogo entre saber técnico e saber tradicional. Santos (2020, p. 152) ressalta que “metodologias participativas criam um ambiente de aprendizado colaborativo e inclusivo”.

Além disso, a formação continuada deve desenvolver habilidades interculturais, permitindo que os professores atuem como mediadores entre saberes, promovendo uma educação sensível às especificidades indígenas. Krenak (2019, p. 158) observa que “a interculturalidade depende da habilidade dos professores em atuar como mediadores”.

Para adaptar as práticas pedagógicas, é crucial que os programas de formação sejam construídos em diálogo com as lideranças indígenas, assegurando que as práticas educacionais respeitem os saberes tradicionais. Silva (2020, p. 162) reforça que “o diálogo com lideranças indígenas é fundamental para construir uma educação inclusiva”.

A formação continuada também deve incluir capacitação para o uso de tecnologias educacionais que superem barreiras geográficas. Souza (2020, p. 165) observa que “o uso de tecnologias educacionais pode superar barreiras de acesso”, especialmente em comunidades indígenas remotas.

Por fim, a formação continuada deve ser adaptável às mudanças nas demandas das comunidades indígenas e às transformações do sistema educacional.

Santos (2020, p. 170) afirma que “a formação docente precisa acompanhar as necessidades das comunidades e do mercado de trabalho”. A flexibilidade na formação é essencial para que a EPT permaneça uma ferramenta de inclusão para os povos indígenas.

3.10 As tecnologias na Educação Profissional e Tecnológica para os povos indígenas

O uso de tecnologias educacionais emergiu como uma ferramenta estratégica para facilitar o acesso dos povos indígenas à Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Dada a localização remota de muitas comunidades e a ausência de infraestrutura física adequada, essas tecnologias podem superar barreiras geográficas e promover a inclusão. Souza (2020, p. 175) observa que “as tecnologias educacionais ampliam o acesso dos povos indígenas à educação formal, especialmente onde o acesso físico é restrito”. Esse acesso remoto pode ser a chave para ampliar oportunidades educacionais para comunidades isoladas.

Entretanto, a aplicação de tecnologias em contextos indígenas demanda adaptação cultural e linguística, pois muitos materiais digitais e plataformas de ensino refletem uma lógica urbana e ocidental, o que pode distanciar os estudantes indígenas. Krenak (2019, p. 178) ressalta que “o uso de tecnologias educacionais nas comunidades indígenas requer adaptação para que sejam realmente inclusivas e respeitem os saberes tradicionais”.

Um dos desafios é o acesso instável ou inexistente à internet em muitas aldeias. Silva (2020, p. 180) destaca que “a falta de infraestrutura de internet é um dos principais obstáculos para a implementação de tecnologias educacionais na EPT”. Sem conectividade estável, as plataformas digitais tornam-se inacessíveis, exacerbando desigualdades educacionais.

Para viabilizar o uso das tecnologias, é essencial que governo e instituições invistam na infraestrutura de conectividade. Além disso, o desenvolvimento de plataformas deve ocorrer em diálogo com lideranças indígenas, assegurando que os materiais digitais respeitem as especificidades culturais e linguísticas. Santos (2020, p. 183) afirma que “a inclusão das lideranças indígenas é crucial para que as tecnologias sejam culturalmente sensíveis e respeitadas aos saberes tradicionais”.

Outro ponto central é a capacitação de professores e estudantes para o uso eficaz das tecnologias. Souza (2020, p. 185) observa que “não basta oferecer

tecnologias educacionais; é fundamental capacitar educadores e estudantes para seu uso adequado”. Essa formação deve ir além do uso técnico, incluindo desenvolvimento de habilidades interculturais para adaptar conteúdos digitais às realidades culturais.

As tecnologias também podem apoiar a preservação dos saberes tradicionais. Por meio de plataformas digitais, é possível desenvolver materiais que integrem o saber técnico com o tradicional, promovendo uma educação inclusiva e intercultural. Munduruku (2018, p. 189) destaca que “as tecnologias são poderosas para preservar saberes ancestrais, permitindo que práticas culturais indígenas sejam registradas e transmitidas”. Essa integração fortalece identidades culturais e prepara os estudantes para o mundo contemporâneo.

Contudo, é fundamental que as tecnologias complementem o ensino presencial, e não o substituam. Silva (2020, p. 191) argumenta que “as tecnologias facilitam o acesso, mas não substituem o contato direto entre educadores e estudantes, essencial para uma educação inclusiva”. O equilíbrio entre tecnologia e presença física enriquece a experiência educacional.

Por fim, o desenvolvimento de tecnologias educacionais para a EPT indígena deve ser um processo colaborativo, envolvendo ativamente as comunidades. Santos (2020, p. 194) enfatiza que “a construção de tecnologias para os povos indígenas deve ser participativa, permitindo que as comunidades definam conteúdos e metodologias”. Somente assim as tecnologias respeitarão as especificidades culturais e promoverão uma educação inclusiva e transformadora.

3.11 Políticas públicas e contribuições indígenas na Educação Profissional e Tecnológica

As políticas públicas e a atuação de pesquisadores indígenas são elementos fundamentais para a inclusão dos povos indígenas na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). No Brasil, a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) garantem o direito a uma educação diferenciada e intercultural para esses povos, mas a implementação ainda enfrenta barreiras que limitam sua eficácia. Políticas adequadas são cruciais para que a EPT seja uma verdadeira ferramenta de inclusão social, cultural e econômica para as comunidades indígenas.

A Constituição de 1988 marcou um avanço, ao reconhecer o direito dos povos

indígenas a uma educação que respeite suas tradições e modos de vida. Silva (2020, p. 210) destaca que “a Constituição foi a primeira a garantir educação diferenciada para os povos indígenas”. No entanto, obstáculos como falta de recursos e ausência de adaptações adequadas limitam a prática desse modelo.

No campo da EPT, programas como o Programa Nacional de Educação Escolar Indígena (PNEEI) e o PRONATEC buscam ampliar o acesso dos povos indígenas à educação técnica. Ainda assim, Souza (2020, p. 215) destaca que “existe uma desconexão entre políticas e necessidades reais das comunidades indígenas”, dificultando que os cursos ofereçam uma formação alinhada à realidade indígena.

Outro desafio é a ausência de currículos adaptados aos saberes e práticas culturais indígenas. Muitas políticas educacionais ainda seguem uma abordagem ocidentalizada, excluindo saberes tradicionais. Munduruku (2018, p. 220) defende que “as políticas devem integrar o saber tradicional e respeitar especificidades culturais”, pois, sem essa integração, o sistema educacional perpetua desigualdades.

Além disso, barreiras relacionadas à infraestrutura e conectividade persistem. Com muitas comunidades em áreas remotas, o acesso às instituições de ensino técnico é dificultado. Silva (2020, p. 223) enfatiza que “a falta de infraestrutura é um dos principais obstáculos para efetivação das políticas de EPT”. A falta de recursos em regiões distantes também compromete a permanência dos estudantes indígenas.

A carência de formação específica para professores que atuam em escolas técnicas é outro obstáculo. Souza (2020, p. 226) observa que “os professores frequentemente não são preparados para lidar com a diversidade cultural indígena”, prejudicando a criação de um ambiente inclusivo.

Para enfrentar esses desafios, a formulação de políticas de EPT deve ser participativa, contando com as lideranças indígenas para que as políticas reflitam as demandas culturais e sociais das comunidades. Krenak (2019, p. 230) sugere que “as políticas públicas devem incluir as lideranças indígenas no processo de decisão”. A participação ativa das comunidades é essencial para construir políticas públicas efetivas.

Um exemplo de prática bem-sucedida é o Programa de Formação de Professores Indígenas, que capacita professores para atuarem em suas comunidades e respeitarem os saberes tradicionais. Silva (2020, p. 235) destaca que “o Programa de Formação de Professores Indígenas é uma política ajustada às

especificidades culturais”, especialmente em áreas remotas, onde esses professores são essenciais para a preservação cultural.

Esses desafios dialogam com as contribuições de pesquisadores indígenas como Gersem Baniwa, Daniel Munduruku e Ailton Krenak, que influenciam a formulação de abordagens educacionais respeitosas e inclusivas. Eles reforçam a importância de uma educação que preserve tradições e promova a sustentabilidade. Baniwa (2018) defende que “a educação indígena deve fortalecer a identidade cultural e integrar os estudantes às suas comunidades”, promovendo desenvolvimento econômico sustentável. Munduruku (2018), por sua vez, ressalta a literatura indígena como elo entre tradição e modernidade, aproximando estudantes de suas raízes. Integrar essas narrativas ao currículo fortalece identidades e promove resistência cultural.

Ailton Krenak critica o modelo capitalista e propõe um desenvolvimento sustentável que respeite o meio ambiente. Para ele, a EPT pode capacitar estudantes indígenas para desenvolverem projetos que valorizem suas culturas e preservem os recursos naturais. Essas contribuições ressaltam a necessidade de adaptar a EPT para que seja uma ferramenta de valorização cultural, conforme destaca Santos (2020, p. 237): “os saberes tradicionais são parte essencial do patrimônio indígena e devem integrar o currículo da EPT”.

A construção de currículos deve contar com o diálogo entre educadores e lideranças indígenas para garantir relevância e motivação entre estudantes. Baniwa (2018, p. 240) afirma que “os currículos técnicos devem ser construídos com as comunidades indígenas, refletindo suas necessidades”. Além disso, a EPT pode contribuir para a preservação das práticas de manejo sustentável, que são parte central das culturas indígenas. Krenak (2019) argumenta que “os povos indígenas possuem conhecimento profundo sobre manejo sustentável, que deve ser integrado ao ensino técnico”. Dessa forma, esses pesquisadores não apenas criticam o modelo educacional, mas também propõem soluções para incluir saberes tradicionais nos currículos, promovendo uma EPT inclusiva e transformadora. A integração entre saber técnico e tradicional torna a EPT uma ferramenta de empoderamento e sustentabilidade para as comunidades indígenas.

3.12 A teoria da ecologia de saberes e sua aplicação na Educação Profissional e Tecnológica para povos indígenas

A teoria da ecologia de saberes, formulada por Boaventura de Sousa Santos, emerge como um arcabouço teórico crucial para a compreensão e promoção da inclusão dos povos indígenas na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Santos (2010) defende uma perspectiva pluralista do conhecimento, na qual saberes ocidentais, indígenas e tradicionais coexistem em diálogo e sem hierarquização. Como enfatiza Santos (2010, p. 46), “a ecologia de saberes implica o reconhecimento de uma diversidade de modos de conhecimento, que coexistem com a ciência moderna, mas que não devem ser reduzidos a uma lógica hierárquica”. No contexto da EPT indígena, essa teoria legitima e valoriza os saberes tradicionais, promovendo sua integração com o conhecimento técnico.

A ecologia de saberes é uma abordagem que não busca substituir o conhecimento técnico ou científico, mas sim construir um diálogo respeitoso entre diferentes formas de saber. Conforme Santos (2010, p. 53), “o objetivo não é substituir a ciência, mas abrir espaço para o diálogo com outros saberes, reconhecendo sua legitimidade e capacidade de resolver questões contemporâneas”. Nesse sentido, Baniwa (2018, p. 82) reforça a relevância dessa teoria ao afirmar que a ecologia de saberes “oferece uma base teórica robusta para currículos interculturais, que não apenas instruem, mas também aprendem com os estudantes indígenas”. Tal visão desafia a predominância do conhecimento ocidental e busca uma verdadeira justiça cognitiva, valorizando os saberes indígenas em contextos formais de ensino, como aponta Silva (2020). A aplicação prática da ecologia de saberes no ambiente educacional indígena evidencia seu potencial de transformação. Um exemplo significativo é o trabalho desenvolvido pelo Instituto Federal de Roraima, onde o currículo técnico foi ajustado para incorporar práticas indígenas, como o manejo sustentável e o uso de plantas medicinais (Baniwa, 2018). Essa adaptação curricular promove um diálogo intercultural que fortalece a identidade indígena e permite que os saberes tradicionais coexistam com as demandas técnicas contemporâneas.

Outro caso de aplicação da ecologia de saberes está no programa de formação de professores indígenas da Universidade Federal do Amazonas, que utiliza essa abordagem para construir uma pedagogia intercultural. Santos (2018, p. 201) observa que “ao incorporar os saberes tradicionais ao currículo, os professores

indígenas desempenham um papel vital na preservação cultural, resistindo à homogeneização imposta pela modernidade ocidental”. Esses professores, ao aplicarem a ecologia de saberes, não só promovem uma educação inclusiva, mas também reforçam a resiliência cultural de suas comunidades.

Assim, a ecologia de saberes não só contribui para uma educação mais inclusiva e intercultural, mas também para a valorização e preservação dos saberes indígenas em um cenário educacional em constante transformação. A teoria de Santos, ao ser colocada em prática nas instituições de ensino, transforma o currículo técnico da EPT em uma plataforma de intercâmbio e fortalecimento cultural, onde saber técnico e tradicional se complementam e beneficiam as comunidades indígenas, promovendo o desenvolvimento de um ensino mais relevante e sustentável.

3.13 As metodologias descolonizadoras de Linda Tuhiwai Smith na Educação Profissional e Tecnológica indígena

As metodologias descolonizadoras, delineadas por Linda Tuhiwai Smith em *Decolonizing Methodologies* (2012), oferecem ferramentas teóricas e práticas para construir uma educação indígena que valorize os saberes tradicionais e promova a autonomia das comunidades. Essa abordagem é particularmente relevante na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), ao criar currículos e práticas pedagógicas que dialogam com as realidades culturais indígenas e rompem com epistemologias coloniais impostas. Smith (2012, p. 23) afirma que “a descolonização do conhecimento envolve contestação e resistência às práticas coloniais, fortalecendo os saberes indígenas”.

No Brasil, as metodologias descolonizadoras têm sido aplicadas em projetos de EPT, incorporando saberes tradicionais aos currículos técnicos. No Instituto Federal de Roraima, por exemplo, o currículo de gestão ambiental foi adaptado para incluir conhecimentos indígenas sobre manejo sustentável. Souza (2020, p. 145) destaca que “a inclusão dos saberes tradicionais no currículo técnico não apenas preserva a cultura indígena, mas torna o ensino mais relevante para as comunidades”.

Essas metodologias são essenciais para desenvolver uma pedagogia intercultural, onde conhecimento técnico ocidental e saberes indígenas convivem de maneira harmoniosa. Silva (2020, p. 66) observa que “a descolonização do currículo

implica refletir a diversidade cultural e epistemológica dos estudantes, promovendo uma educação inclusiva e respeitosa”. Esse modelo contribui para a permanência dos estudantes indígenas, fortalecendo suas identidades culturais. “As metodologias descolonizadoras criam uma base teórica para uma EPT inclusiva, respeitando modos de vida e saberes indígenas” (Souza, 2020, p. 112).

Outro aspecto importante é a valorização da oralidade e da transmissão Inter geracional do conhecimento. Em várias comunidades indígenas, os saberes são transmitidos oralmente, e essa prática é muitas vezes marginalizada pelo sistema educacional. As metodologias descolonizadoras, ao reconhecerem a importância da oralidade, integram esses saberes ao currículo técnico. Smith (2012, p. 47) destaca que “a oralidade é uma forma legítima de transmissão de conhecimento, especialmente em contextos indígenas, onde saberes estão ligados às tradições orais”.

Essas metodologias também são essenciais na condução de pesquisas com povos indígenas de maneira respeitosa. Smith (2012, p. 45) argumenta que “as metodologias descolonizadoras não dizem respeito apenas ao que pesquisamos, mas ao como pesquisamos e ao papel dos participantes”. No contexto da EPT, a pesquisa participativa assegura que as demandas das comunidades sejam respeitadas e atendidas. “As metodologias descolonizadoras garantem a valorização dos saberes indígenas e o empoderamento dos estudantes indígenas na apropriação do conhecimento técnico” (Silva, 2020, p. 158).

Essas metodologias vão além do ambiente escolar. Em diversas comunidades, projetos de formação técnica têm sido desenvolvidos com princípios descolonizadores, com lideranças comunitárias desempenhando papel central. Um exemplo é o projeto de manejo florestal sustentável na comunidade Kayapó, onde lideranças indígenas foram envolvidas ativamente no planejamento e execução das atividades, integrando saberes tradicionais às práticas modernas (Souza, 2020).

Outro ponto central é a resistência contra a homogeneização cultural imposta pelo sistema educacional. Smith (2012, p. 98) observa que “a descolonização do conhecimento é um processo de resistência contra epistemologias coloniais, afirmando os saberes indígenas como conhecimento legítimo”. Essa resistência fortalece o empoderamento e a autonomia cultural das comunidades, permitindo o controle sobre seus próprios saberes. “A descolonização do conhecimento é também uma estratégia de resistência para os povos indígenas, que enfrentam pressões para se adaptarem aos padrões ocidentais” (Smith, 2012, p. 115).

As metodologias descolonizadoras também influenciam políticas públicas voltadas para a EPT indígena. Silva (2020, p. 172) ressalta que “as políticas públicas de descolonização da educação devem ser formuladas com participação ativa das comunidades, atendendo suas demandas e expectativas”. Em suma, as metodologias descolonizadoras de Linda Tuhiwai Smith fornecem uma base sólida para a construção de uma EPT que respeite e promova saberes tradicionais e autonomia indígena. Essa abordagem representa uma ruptura com práticas coloniais e reafirma o papel central das culturas indígenas na construção de uma educação técnica inclusiva.

3.14 A pedagogia da autonomia de Paulo Freire e o empoderamento dos povos indígenas

Paulo Freire, renomado educador do século XX, deixou um legado com sua pedagogia centrada na autonomia e no respeito às realidades culturais e sociais dos educandos. Sua obra *Pedagogia da Autonomia* (1996) apresenta uma visão emancipadora, onde educador e educando constroem juntos o conhecimento por meio do diálogo e reflexão crítica. Freire (1996, p. 26) afirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua construção”. Esse princípio é relevante para a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no contexto indígena, onde o respeito aos saberes tradicionais e à autonomia são essenciais para uma educação inclusiva.

A pedagogia de Paulo Freire valoriza a experiência e o conhecimento prévio dos educandos, oferecendo um caminho potente para o empoderamento indígena. Em vez de uma educação que impõe uma lógica ocidentalizada, a EPT freireana deve ser um espaço de troca, onde o saber técnico e o saber tradicional se complementam. Como observa Silva (2020, p. 105), “a pedagogia freireana, ao promover a autonomia dos educandos, cria um espaço onde os saberes tradicionais indígenas são valorizados sem que se perca a identidade cultural”.

No contexto da EPT indígena, a pedagogia da autonomia propõe práticas educacionais que empoderam os estudantes, integrando saberes técnicos e práticas tradicionais. Souza (2020, p. 112) indica que “a pedagogia freireana é um ponto de referência na criação de currículos técnicos que respeitam as tradições culturais e promovem o desenvolvimento sustentável”. Assim, a educação técnica não deve ser vista apenas como formação para o trabalho, mas como um meio de fortalecer

raízes culturais e promover o desenvolvimento das comunidades.

A pedagogia da autonomia de Freire (1996) favorece um diálogo entre o educador e os estudantes indígenas, onde o respeito às tradições e ao saber prévio é central. Freire (1996, p. 29) declara que "não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino; esses quefazeres se encontram um no outro". Na EPT, isso cria um ambiente em que estudantes indígenas tornam-se copesquisadores, investigando suas tradições e buscando formas de integrá-las ao conhecimento técnico. Esse processo promove liberdade, onde os estudantes atuam como agentes na construção do saber.

Nos cursos de agroecologia do Instituto Federal do Amazonas, por exemplo, os estudantes indígenas participam ativamente do planejamento e execução das atividades agrícolas, unindo conhecimento técnico e práticas de manejo sustentável. Souza (2020, p. 78) observa que "a pedagogia freireana permite que estudantes indígenas se apropriem do conhecimento técnico para beneficiar suas comunidades". Essa prática de autonomia é fundamental para que o conhecimento técnico seja aplicado de maneira crítica e reflexiva, respeitando a realidade cultural.

O diálogo é um pilar da pedagogia de Freire (1996), visto como prática de liberdade e emancipação. Freire (1996, p. 89) define que "o diálogo é o encontro entre os homens, mediatizado pelo mundo". Na EPT indígena, o diálogo é ferramenta de emancipação, permitindo aos estudantes expressarem livremente suas necessidades em relação à educação técnica. Esse diálogo transforma o ambiente educacional em um espaço de coconstrução, onde os saberes indígenas são respeitosamente integrados ao currículo técnico.

A prática da liberdade, para Freire (1996), é agir de forma consciente e crítica sobre a realidade. Freire (1996, p. 48) afirma que "a liberdade é um ato político que pressupõe responsabilidade". Na EPT indígena, essa liberdade permite aos estudantes utilizarem o conhecimento técnico para transformar suas comunidades. Em vez de serem moldados apenas para o mercado, os estudantes indígenas tornam-se agentes de transformação, aplicando o conhecimento técnico em conjunto com saberes tradicionais para promover o desenvolvimento sustentável.

Krenak (2019, p. 85) ressalta que "a prática da liberdade permite que estudantes indígenas usem o conhecimento técnico como ferramenta de resistência cultural desenvolvimento sustentável". Essa prática da liberdade é crucial para que estudantes indígenas protagonizem suas histórias, fortalecendo suas comunidades e

tradições.

A pedagogia de Paulo Freire é uma contribuição inestimável para uma EPT que promova o empoderamento indígena. Ao valorizar diálogo, autonomia e liberdade, Freire (1996) indica que a educação deve ser mais do que transmissão de conhecimento técnico; é um processo de transformação social. Na EPT indígena, esses princípios fundamentam uma educação que respeita saberes tradicionais e capacita os estudantes a usarem o conhecimento técnico como ferramenta de empoderamento. Souza (2020, p. 122) conclui que "a pedagogia freireana é referência na construção de currículos técnicos que respeitam as tradições culturais e promovem o desenvolvimento sustentável".

3.15 Contribuições dos pesquisadores indígenas para a Educação Profissional e Tecnológica

As contribuições de pesquisadores indígenas como Gersem Baniwa, Daniel Munduruku e Ailton Krenak têm sido fundamentais para a construção de uma Educação Profissional e Tecnológica (EPT) que seja inclusiva e respeitosa às especificidades culturais dos povos indígenas. Esses educadores oferecem perspectivas sobre como a educação técnica pode integrar o saber técnico ao saber tradicional, promovendo o desenvolvimento comunitário e a preservação cultural. Suas ideias são essenciais para programas de EPT que capacitem estudantes indígenas a utilizar o conhecimento técnico em benefício de suas comunidades, preservando suas identidades.

Gersem Baniwa, influente educador indígena brasileiro, defende uma visão holística da educação, enraizada nos valores culturais e espirituais das comunidades indígenas. Para Baniwa (2018, p. 45), "a educação indígena deve respeitar o modo de vida tradicional e promover a autonomia coletiva". Sua perspectiva desafia o modelo ocidental de educação técnica, que privilegia o individualismo, e propõe que a EPT deve fortalecer a coletividade e o bem-estar comum.

Baniwa (2018) enfatiza que a EPT para comunidades indígenas deve promover o desenvolvimento comunitário, ao invés de focar no sucesso individual. Souza (2020, p. 102) observa que "os programas de EPT que integram o saber técnico ao tradicional, respeitando o modo de vida comunitário, têm maior sucesso entre os povos indígenas". Segundo Baniwa (2018), a EPT deve ser desenvolvida de forma a fortalecer os valores comunitários e espirituais das comunidades, mantendo

um diálogo constante com lideranças indígenas para que o currículo reflita as realidades locais. “A educação indígena deve fortalecer a comunidade, unindo saber técnico e tradicional para promover sustentabilidade e preservar a cultura (Baniwa, 2018, p. 67)”.

Daniel Munduruku, escritor e educador indígena, contribui com uma perspectiva singular, mostrando como a literatura indígena serve de ponte entre tradições e o presente. Para Munduruku (2017, p. 63), "a literatura indígena resiste ao apagamento cultural, preservando histórias e saberes ancestrais". Sua obra tem sido usada em programas de EPT para mostrar que o ensino técnico pode ser enriquecido pelo conhecimento transmitido pela literatura indígena.

A inclusão da literatura indígena nos currículos de EPT fortalece a identidade dos estudantes e cria um ambiente de aprendizado inclusivo. Santos (2020, p. 91) aponta que "ao incorporar a literatura indígena, as instituições educacionais promovem o respeito pela diversidade cultural". A obra de Munduruku (2017), ao narrar práticas tradicionais de subsistência e valores comunitários, pode ser integrada ao ensino técnico em áreas como agroecologia, conectando o conhecimento ancestral com demandas contemporâneas. “A literatura indígena conecta saber técnico e tradicional, criando uma educação intercultural que valoriza as identidades indígenas” (Munduruku, 2017, p. 75).

Ailton Krenak, líder indígena, é conhecido por sua crítica ao capitalismo e à destruição ambiental. Krenak argumenta que o modelo capitalista, com seu consumo desenfreado, é incompatível com os valores indígenas de sustentabilidade. "Para os povos indígenas, a terra é sagrada e deve ser cuidada com respeito. O capitalismo destrói esse equilíbrio" (Krenak, 2019, p. 32).

A crítica de Krenak tem implicações para a educação. Souza (2020, p. 108) sugere que "os cursos de EPT voltados para comunidades indígenas devem promover práticas sustentáveis, alinhadas ao respeito pela terra". Em vez de seguir um modelo que visa lucros a qualquer custo, a EPT para povos indígenas deve fortalecer práticas de manejo sustentável e capacitar os estudantes a se tornarem líderes na preservação ambiental.

Krenak (2019) afirma que a educação pode capacitar jovens indígenas a defender suas terras e recursos naturais. "A educação, baseada em sustentabilidade e respeito à terra, capacita estudantes indígenas a liderarem a proteção ambiental" (Krenak, 2019, p. 37). Assim, sua visão oferece uma base teórica para uma

educação alinhada aos valores indígenas, que respeita o meio ambiente e fortalece as tradições culturais. “A crítica ao capitalismo e a defesa da sustentabilidade fundamentam uma educação que empodera os povos indígenas e protege suas terras” (Krenak, 2019, p. 42).

As contribuições de Baniwa (2018), Munduruku (2017) e Krenak (2019) são essenciais para a construção de uma EPT inclusiva e alinhada com as especificidades culturais indígenas. Baniwa (2018) mostra que a EPT pode promover o desenvolvimento comunitário ao valorizar o coletivo. Munduruku (2017) demonstra que a literatura indígena pode unir tradição e ensino técnico. Krenak (2019), com sua crítica ao capitalismo e defesa da sustentabilidade, reforça a EPT como ferramenta de resistência e preservação, capacitando estudantes indígenas a liderarem a proteção de suas terras.

3.16 Marcos legais e políticas públicas na educação indígena e adaptação da EPT

A educação indígena no Brasil é sustentada por marcos legais e políticas públicas que buscam garantir aos povos indígenas uma educação diferenciada, que valorize seus saberes e respeite suas especificidades culturais. A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) também precisa ser adaptada para atender a essas comunidades, promovendo sua inclusão no desenvolvimento econômico e social do país. Desde a Constituição Federal de 1988 até iniciativas como o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), o arcabouço legal para a educação indígena visa criar uma estrutura que reconheça e respeite a diversidade cultural e a autonomia dos povos indígenas.

A Constituição de 1988 marcou a defesa dos direitos indígenas, garantindo o direito à autodeterminação e à preservação cultural. No campo educacional, o artigo 210 assegura uma educação escolar diferenciada, respeitando as línguas e tradições indígenas (Brasil, 1988). A Constituição também prevê que as comunidades indígenas participem da elaboração dos currículos e políticas educacionais.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 reforçou esses princípios, estabelecendo que a educação indígena seja bilíngue e intercultural, promovendo as línguas maternas e os saberes tradicionais. Segundo a LDB, “a educação escolar indígena deve ser ministrada em línguas maternas e

português, promovendo a formação técnica e profissional adaptada às realidades locais” (Brasil, 1996, p. 33). A LDB também garante o acesso dos povos indígenas ao sistema nacional de ensino, com os mesmos direitos dos demais cidadãos.

O Plano Nacional de Educação (PNE), de 2014, fixou metas para ampliar o acesso dos povos indígenas à educação técnica e profissional, destacando a importância da EPT para o desenvolvimento sustentável das comunidades indígenas (Brasil, 2014). Santos (2020, p. 89) aponta que “o PNE reconhece as necessidades educacionais indígenas, mas enfrenta desafios na adaptação dos currículos técnicos às realidades culturais das comunidades”.

“A educação indígena deve ser diferenciada e intercultural, conforme a Constituição de 1988 e a LDB, promovendo a formação profissional adaptada às realidades indígenas” (Brasil, 1996, p. 33).

O Decreto nº 6.861, de 2009, instituiu o Programa Nacional de Educação Escolar Indígena (PNEEI), com diretrizes para a educação básica e a formação de professores indígenas, valorizando culturas e línguas indígenas no sistema educacional. Silva (2020, p. 110) afirma que “o PNEEI foi um avanço nos direitos educacionais indígenas, mas há desafios na implementação dessas diretrizes na EPT”.

A EPT foi gradualmente incorporada às políticas públicas indígenas, especialmente com a criação do PRONATEC, em 2011, para ampliar o acesso à educação técnica para populações vulneráveis, incluindo os indígenas. Souza (2020, p. 121) observa que “o PRONATEC foi um passo importante para incluir os povos indígenas na EPT, mas ainda enfrenta desafios na adaptação curricular e infraestrutura para essas comunidades”. O PRONATEC busca parcerias com as comunidades indígenas, mas, segundo Santos (2020, p. 139), “a ausência de consulta efetiva às comunidades no planejamento dos cursos técnicos oferecidos pelo PRONATEC limita sua eficácia”.

Além do PRONATEC, o Programa Saberes Indígenas na Escola promove a formação de professores indígenas e a valorização dos saberes tradicionais, integrando esses conhecimentos ao currículo técnico. Silva (2020, p. 131) afirma que “o Programa Saberes Indígenas na Escola é uma iniciativa importante para garantir uma educação técnica que respeite as tradições culturais”. O PRONATEC foi essencial para a inclusão dos povos indígenas.

Apesar dos avanços, muitos desafios permanecem para a efetividade dessas

iniciativas. A falta de infraestrutura nas instituições de EPT que atendem comunidades indígenas, muitas vezes distantes das aldeias, dificulta o acesso físico dos estudantes aos cursos técnicos. Silva (2020, p. 131) destaca que “a distância entre as aldeias e as instituições de EPT é um dos principais obstáculos ao acesso dos estudantes indígenas à educação técnica”.

Outro desafio é a falta de materiais didáticos bilíngues e de professores capacitados para lidar com a diversidade cultural nas salas de aula de EPT. Souza (2020, p. 115) ressalta que “a falta de materiais didáticos e de professores capacitados dificulta a permanência dos estudantes indígenas nos cursos de EPT”.

Além disso, a ausência de políticas públicas que incentivem o diálogo e a participação ativa das comunidades indígenas na formulação dos currículos técnicos representa uma barreira significativa. Santos (2020, p. 145) observa que “a falta de consulta às lideranças indígenas resulta em currículos que muitas vezes não atendem às necessidades das comunidades”.

“A falta de infraestrutura, de materiais bilíngues e de diálogo com as comunidades indígenas são os principais desafios para a implementação eficaz da EPT” (Souza, 2020, p. 115).

Em resumo, os marcos legais e as políticas públicas para a educação indígena no Brasil fornecem uma base sólida para a inclusão dos povos indígenas na EPT. Contudo, a implementação dessas políticas enfrenta desafios, como a adaptação dos currículos técnicos às realidades culturais indígenas e a criação de infraestrutura adequada. Para que a EPT seja uma ferramenta de inclusão e desenvolvimento sustentável, é necessário aprimorar continuamente as políticas públicas, garantindo o acesso, a permanência e o sucesso dos estudantes indígenas.

4 METODOLOGIA

4.1 Caracterização da metodologia

Esta pesquisa adota uma metodologia mista (quali-quantitativa), com o objetivo de explorar e compreender as percepções de estudantes indígenas sobre a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) de forma abrangente e multidimensional. De natureza exploratória e descritiva, o estudo integra dados qualitativos e quantitativos, coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e questionários aplicados remotamente. A triangulação de dados fortalece a validade dos resultados, ao combinar perspectivas qualitativas e quantitativas que se complementam, oferecendo uma visão mais rica e contextualizada dos dados obtidos.

A abordagem intercultural utilizada é sensível e adaptável, considerando as especificidades culturais e sociais dos participantes. Dessa forma, busca-se garantir que a coleta de dados seja respeitosa e contextualizada à realidade das comunidades indígenas envolvidas. A participação ativa das lideranças comunitárias foi fundamental para adaptar as ferramentas de pesquisa de maneira culturalmente apropriada, assegurando que as questões e a abordagem respeitassem o modo de vida e as tradições das comunidades. Isso permitiu que o estudo se alinhasse com o objetivo maior de informar políticas educacionais inclusivas e ajustadas às necessidades dos povos indígenas.

Além disso, para assegurar a precisão e a relevância dos achados, o processo de análise dos dados inclui uma fase de validação com os próprios participantes e suas comunidades, promovendo um retorno dos resultados que possibilita o diálogo e a reflexão conjunta. Essa etapa visa não apenas a confirmação dos dados, mas também uma leitura crítica e colaborativa, ampliando a perspectiva dos pesquisadores e permitindo que as vozes dos participantes sejam respeitadas e realmente incorporadas ao estudo. Assim, a metodologia proposta não apenas investiga as percepções dos estudantes, mas também cria um espaço de intercâmbio de saberes e uma construção colaborativa de conhecimento.

Quadro 1 – Resumo da metodologia adotada

Aspecto	Descrição
Nomeação da Metodologia	Metodologia de Pesquisa Mista com Abordagem Intercultural Sensível
Abordagem	Qualitativa e Quantitativa (métodos mistos)
Natureza da Pesquisa	Exploratória e Descritiva
Instrumentos de Coleta	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevistas semiestruturadas • Questionários aplicados online • Entrevistas por videoconferência
Ambiente de Pesquisa	Contexto educacional com estudantes indígenas
Participação Comunitária	Envolvimento ativo das lideranças comunitárias e adaptação cultural dos instrumentos
Método de Análise	<ul style="list-style-type: none"> • Análise qualitativa (narrativas e percepções) • Análise quantitativa (tratamento estatístico dos dados)
Validação dos Resultados	Triangulação de métodos qualitativos e quantitativos
Enfoque	Respeito às especificidades culturais e integração de saberes tradicionais e técnicos
Objetivo	Compreender as percepções dos estudantes e contribuir para políticas educacionais inclusivas

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

4.2 Entrevistas semiestruturadas

Para captar as vivências e expectativas dos estudantes indígenas sobre a EPT, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, que oferecem um equilíbrio cuidadoso entre estrutura e flexibilidade. De acordo com Ramos e Santos (2013), esse tipo de entrevista permite uma escuta aprofundada das narrativas dos participantes e se mostra especialmente eficaz em contextos interculturais. Três eixos principais orientaram o roteiro das entrevistas: percepções sobre a EPT, expectativas em relação ao ensino e os desafios enfrentados no percurso educativo. A inclusão de perguntas abertas e fechadas favoreceu uma compreensão ampla e detalhada, abarcando tanto dados narrativos quanto quantitativos. As entrevistas foram conduzidas via videoconferência, uma alternativa eficaz para superar as barreiras geográficas que limitariam encontros presenciais.

Apesar das dificuldades de conexão em algumas comunidades, a flexibilidade de horários e o apoio direto das lideranças comunitárias foram essenciais para viabilizar o processo. Optou-se por realizar as entrevistas em ambientes familiares

aos participantes, o que contribuiu para seu conforto e engajamento, conforme recomendado por Ramos e Santos (2013).

Para a análise dos dados, foi adotada uma abordagem mista, utilizando métodos qualitativos e quantitativos. As narrativas obtidas foram analisadas qualitativamente, buscando identificar temas centrais, enquanto os questionários forneceram dados quantitativos que corroboraram essas percepções. A triangulação dos métodos, seguindo Treinta *et al.* (2014), fortaleceu a consistência dos resultados ao integrar as perspectivas dos estudantes sobre os desafios e as experiências vividas na EPT.

Além disso, a coleta de dados foi cuidadosamente adaptada para respeitar as tradições culturais das comunidades indígenas, priorizando a oralidade e garantindo flexibilidade no tempo de resposta. Esse cuidado assegurou que os estudantes pudessem compartilhar suas experiências de maneira autêntica e em ambientes que favorecessem o conforto. A escolha por perguntas abertas permitiu explorar tanto percepções individuais quanto coletivas, refletindo o forte senso de comunidade dos grupos participantes. Na etapa de análise, foi essencial adotar uma perspectiva sensível às especificidades culturais, contextualizando as respostas para preservar o significado e o respeito pelas tradições das comunidades envolvidas.

5 ACHADOS E DISCUSSÃO DA PESQUISA

Este capítulo apresenta e discute os dados coletados junto aos estudantes indígenas do Instituto Federal de Roraima (IFRR), campus Amajari, matriculados no curso Técnico subsequente ao nível médio de Agropecuária EaD. A investigação buscou traçar um perfil dos participantes, compreender suas experiências educacionais, identificar os desafios enfrentados ao longo do curso e explorar suas percepções sobre a valorização dos saberes tradicionais, bem como a relação entre trabalho e educação.

A análise descritiva dos participantes está estruturada em seções que exploram a distribuição dos estudantes por etnia, nível de escolaridade e os principais obstáculos encontrados durante a formação. Em seguida, são discutidas suas percepções sobre a valorização dos saberes tradicionais, a interação entre trabalho e educação, e sugestões de melhorias para o curso. Além disso, são abordadas as expectativas futuras dos estudantes, delineando um panorama de seus sonhos e objetivos profissionais.

A análise possibilita identificar padrões e tendências entre os participantes, fornecendo subsídios valiosos para possíveis intervenções pedagógicas e aprimoramentos na oferta educacional, especialmente no contexto da educação indígena dentro da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

As subseções seguintes detalham os resultados obtidos, apresentados de forma tabular e gráfica, facilitando a interpretação visual dos dados coletados e das análises realizadas.

5.1 Análise descritiva dos participantes

Nesta seção, apresentamos a distribuição dos participantes da pesquisa por etnia, com base nos dados coletados. A seguir, a tabela e o gráfico de barras mostram a representatividade de cada grupo étnico.

5.1.1 Distribuição dos participantes por etnia

Tabela 1 – Distribuição dos participantes por etnia

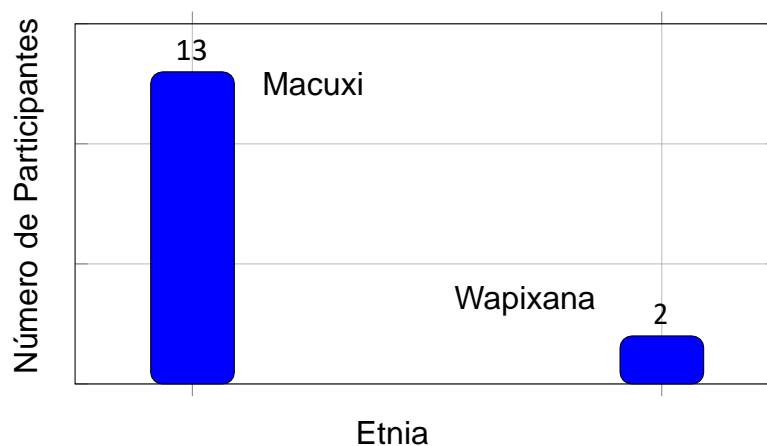
Etnia	Número de Participantes
Macuxi	13
Wapixana	2

Fonte: Elaborado pelo autor (2024). Pesquisa com estudantes indígenas do IFRR campus Amajari (Curso Técnico subsequente ao nível médio de Agropecuária EaD).

A **Tabela 1** demonstra que a maioria dos participantes pertence à etnia Macuxi, seguida pelos estudantes da etnia Wapixana.

5.1.2 Gráfico de barras com distribuição por etnia

Figura 1 – Gráfico de barras com a distribuição dos participantes por etnia



Fonte: Elaborado pelo autor (2024). Pesquisa com estudantes indígenas do IFRR campus Amajari (Curso Técnico subsequente ao nível médio de Agropecuária EaD).

A **Figura 1** reforça essa distribuição, facilitando a visualização da representatividade de cada grupo étnico.

5.2 Análise do nível de escolaridade dos participantes

Nesta seção, apresentamos a análise dos níveis de escolaridade dos estudantes indígenas. Os dados foram organizados em três categorias principais: alfabetização, ensino fundamental, e ensino médio, com a diferenciação entre escolas públicas e privadas.

5.2.1 Resumo do nível de escolaridade

O **Quadro 2** resume as respostas fornecidas pelos estudantes, mostrando se cursaram os níveis de alfabetização, ensino fundamental e ensino médio em escolas públicas ou privadas.

Quadro 2 – Distribuição dos níveis de escolaridade dos participantes

Nível de Escolaridade	Resposta Real dos Participantes
Alfabetização	Escola pública (7 respostas), Escola privada (2 respostas)
Ensino Fundamental	Escola pública (6 respostas), Escola privada (1 resposta)
Ensino Médio	Escola pública (8 respostas), Escola privada (1 resposta)

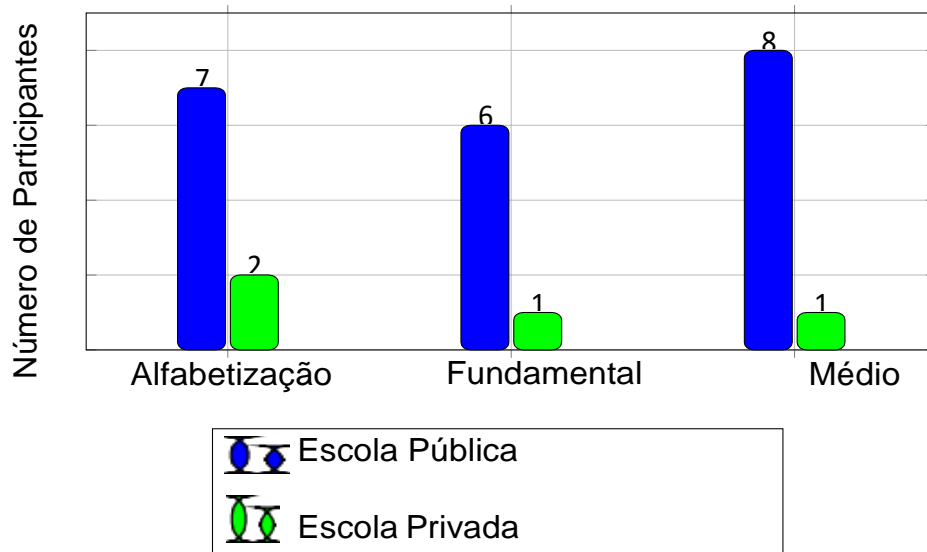
Fonte: Elaborado pelo autor (2024). Pesquisa com estudantes indígenas do IFRR campus Amajari (Curso Técnico subsequente ao nível médio de Agropecuária EaD).

5.2.2 Análise qualitativa do nível de escolaridade

Os dados mostram que a maioria dos estudantes indígenas cursou a alfabetização e o ensino fundamental em escolas públicas, com uma menor proporção de estudantes frequentando escolas privadas. A tendência é semelhante para o ensino médio, com a maioria dos estudantes também frequentando escolas públicas.

Essa predominância de escolas públicas reflete o cenário educacional das comunidades indígenas, onde o acesso à educação privada é mais restrito, e as escolas públicas desempenham um papel crucial na formação básica e média dos alunos.

Figura 2 – Gráfico de barras com a distribuição dos participantes por nível de escolaridade



Fonte: Elaborado pelo autor (2024). Pesquisa com estudantes indígenas do IFRR campus Amajari (Curso Técnico subsequente ao nível médio de Agropecuária EaD).

5.3 Análise dos desafios enfrentados pelos estudantes

Nesta seção, analisamos os principais desafios enfrentados pelos estudantes indígenas durante o curso, categorizando-os em quatro temas principais: dificuldades com transporte, desafios acadêmicos (conteúdo e metodologia), desafios relacionados à moradia e relacionamento, e outros desafios financeiros.

5.3.1 Resumo dos principais desafios

O **Quadro 3** apresenta um resumo das respostas mais frequentes dadas pelos estudantes sobre os desafios enfrentados durante o curso, organizados de acordo com as categorias identificadas.

Quadro 3 – Principais desafios enfrentados pelos estudantes

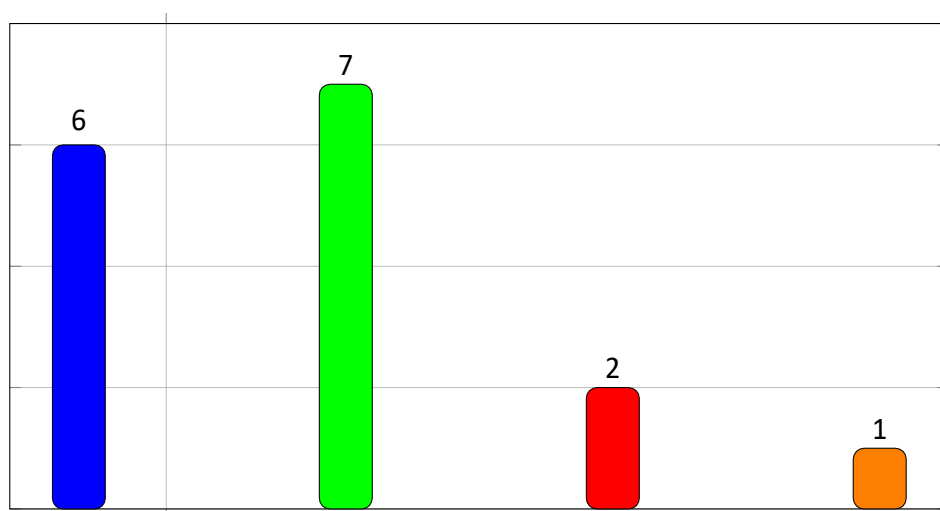
Categoria	Resposta Real dos Participantes
Dificuldades com Transporte	"De transporte" (6 respostas)
Desafios Acadêmicos	"De conteúdo", "De metodologia" (7 respostas combinadas)
Desafios com Moradia e Relacionamento	"De moradia", "De relacionamento" (2 respostas)
Outros Desafios	"Financeiro", "De conteúdo, Financeiro" (1 resposta)

Fonte: Elaborado pelo autor (2024). Pesquisa com estudantes indígenas do IFRR campus Amajari (Curso Técnico subsequente ao nível médio de Agropecuária EaD).

5.3.2 Análise qualitativa dos desafios

A análise revela que o acesso ao transporte foi o desafio mais citado pelos estudantes. Isso pode refletir a localização geográfica dos alunos e a falta de infraestrutura de transporte adequada. Além disso, as dificuldades com o conteúdo e a metodologia dos cursos foram mencionadas, sugerindo a necessidade de uma adaptação curricular mais alinhada às necessidades dos estudantes indígenas.

Outros desafios, como moradia e relacionamento entre os estudantes, também foram pontuados, assim como dificuldades financeiras.

Figura 3 – Gráfico de barras com os principais desafios enfrentados pelos estudantes

Fonte: Elaborado pelo autor (2024). Pesquisa com estudantes indígenas do IFRR campus Amajari (Curso Técnico subsequente ao nível médio de Agropecuária EaD).

5.4 Análise da valorização dos saberes tradicionais

Nesta seção, analisamos as percepções dos estudantes sobre a valorização dos saberes tradicionais e da cultura de seus povos no curso que estudam. As respostas foram agrupadas em categorias principais: percepção positiva, exemplos práticos, e não respondido.

5.4.1 Percepção dos estudantes sobre a valorização dos saberes tradicionais

Quadro 4 – Percepção dos estudantes sobre a valorização dos saberes tradicionais

Categoria	Resposta Real dos Participantes
Percepção Positiva	"Sim", "Sim nos povos indígenas estamos esse curso de agropecuário", "Sim, na parte da fruticultura de como cultivar hortaliças e frutas"
Exemplos Práticos	"Inclusão social entre os povos indígenas", "Consigno sim, os professores fazem trabalhos e conversas para entender como os povos originários fazem a praticadas aulas"
Não Respondido	"Não respondido"

Fonte: Elaborado pelo autor (2024). Pesquisa com estudantes indígenas do IFRR campus Amajari (Curso Técnico subsequente ao nível médio de Agropecuária EaD).

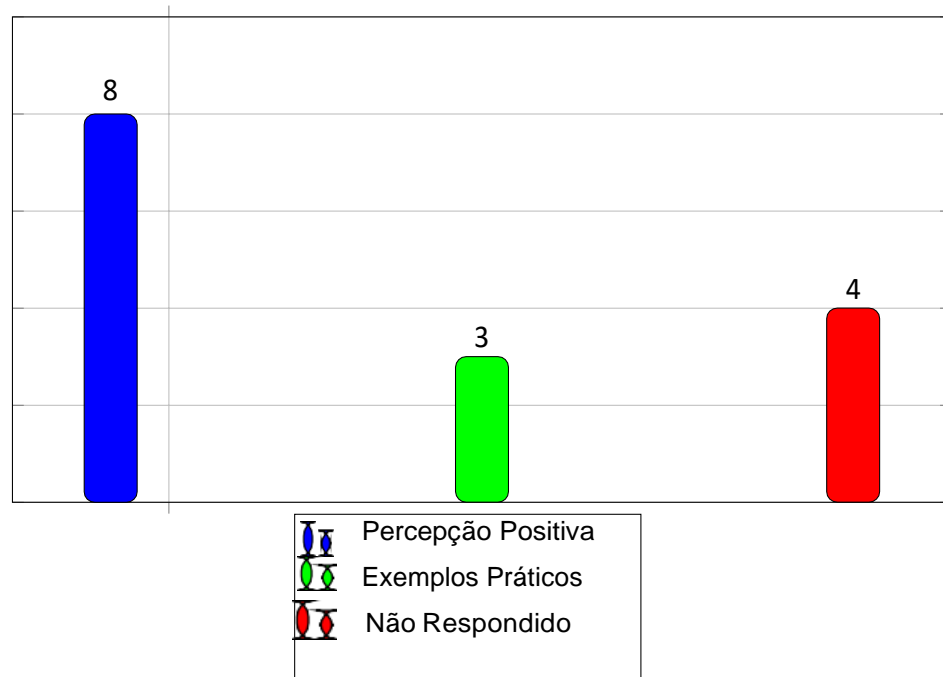
5.4.2 Análise qualitativa das respostas

A análise das respostas revela que muitos estudantes percebem uma valorização positiva dos saberes tradicionais no curso. Alguns destacaram que o curso aborda temas relacionados à cultura e à agricultura indígena, como o cultivo de hortaliças e o uso de práticas tradicionais.

Outros participantes deram exemplos práticos, mencionando que os professores fazem trabalhos que integram os saberes indígenas, além de discussões sobre a prática da cultura em sala de aula.

Um pequeno grupo de participantes deixou a questão sem resposta, totalizando 4 respostas classificadas como "Não Respondido".

Figura 4 – Gráfico de barras com a percepção dos estudantes sobre a valorização dos saberes tradicionais



Fonte: Elaborado pelo autor (2024). Pesquisa com estudantes indígenas do IFRR campus Amajari (Curso Técnico subsequente ao nível médio de Agropecuária EaD).

5.5 Análise da relação entre trabalho e educação

Nesta seção, analisamos as percepções dos estudantes sobre a relação entre o trabalho e a educação. As respostas foram agrupadas em categorias principais, refletindo as áreas de complementaridade entre trabalho e educação, aplicação prática no campo, desenvolvimento social e pessoal e outros.

5.5.1 Percepção dos estudantes sobre a relação entre trabalho e educação

Quadro 5 – Percepção dos estudantes sobre a relação entre trabalho e educação

Categoria	Resposta Real dos Participantes
Relação de Complementaridade	"Trabalho é junto com a educação", "Os dois trabalham juntos com a melhoria"
Aplicação Prática	"Porque aqui 80% o trabalho é agropecuária [...] vamos executando em nossas 'roças'", "No trabalho é ter seus ganhos financeiros [...] já a educação atua na formação"
Desenvolvimento Social e Pessoal	"A relação entre trabalho e educação é complexa [...] a educação é fundamental para a cidadania", "A educação prepara as pessoas para o mundo do trabalho [...]"
Outras	"No meu ponto de vista agente não consegue um trabalho sem passar pela educação", "Os dois são principais, se ninguém estudar ninguém sabe funcionar"

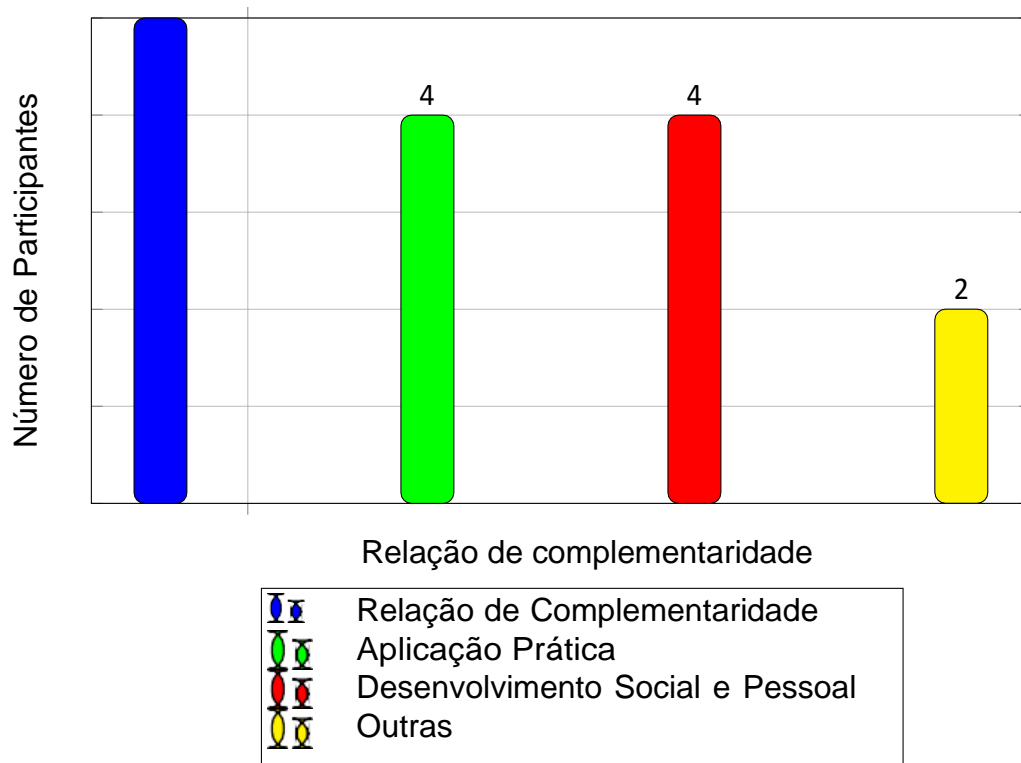
Fonte: Elaborado pelo autor (2024). Pesquisa com estudantes indígenas do IFRR campus Amajari (Curso Técnico subsequente ao nível médio de Agropecuária EaD).

5.5.2 Análise qualitativa das respostas

A análise das respostas revela que muitos estudantes veem o trabalho e a educação como complementares. Para muitos, o trabalho serve como um campo de aplicação prática do que é aprendido no curso, especialmente nas áreas de agricultura e agropecuária.

Alguns estudantes enfatizam que a educação prepara as pessoas para o mundo do trabalho e também contribui para o desenvolvimento social e pessoal. Outros destacam que a relação entre trabalho e educação é fundamental para o sucesso no campo profissional.

Figura 5 – Gráfico de barras com a percepção dos estudantes sobre a relação entre trabalho e educação



Fonte: Elaborado pelo autor (2024). Pesquisa com estudantes indígenas do IFRR campus Amajari (Curso Técnico subsequente ao nível médio de Agropecuária EaD).

5.6 Sugestões de melhorias no curso

Nesta seção, analisamos as percepções dos estudantes sobre as melhorias que poderiam ser implementadas no curso. As respostas foram agrupadas em temas principais, refletindo as áreas de infraestrutura e tecnologia, aulas presenciais, diálogo entre estudantes e professores, e outras sugestões.

5.6.1 Sugestões dos estudantes sobre melhorias no curso

Quadro 6 – Sugestões dos estudantes sobre melhorias no curso

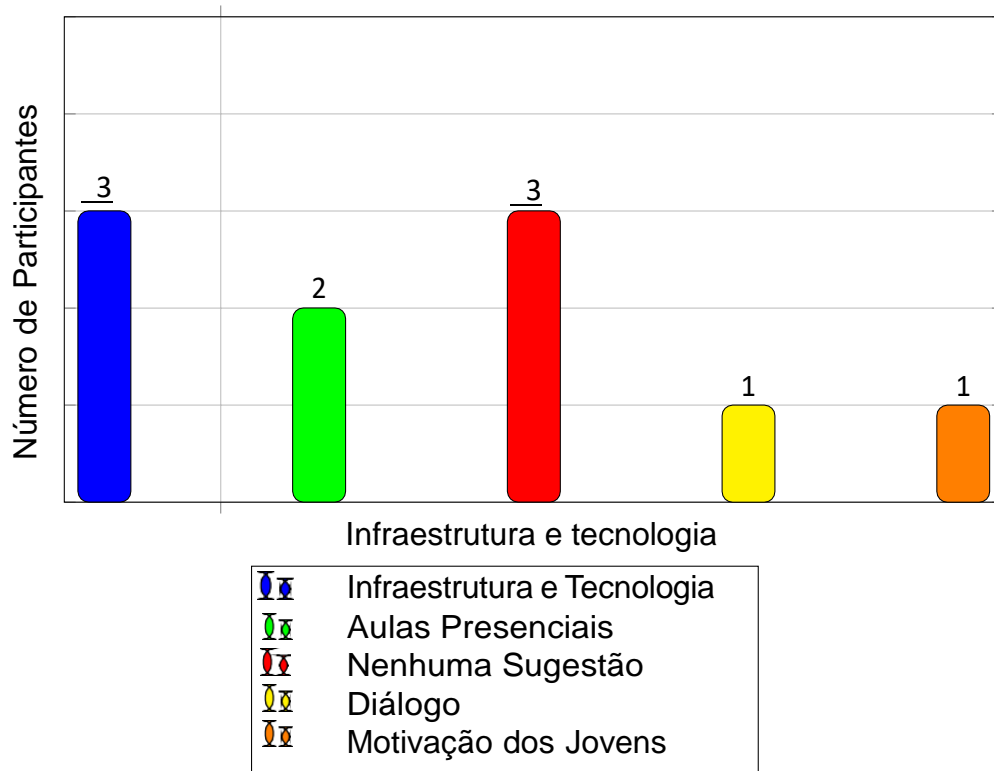
Categoria	Resposta Real dos Participantes
Infraestrutura e Tecnologia	"Acho que seria falta de uma internet de qualidade", "Uma sala só para estudante, e internet", "Estamos com dificuldade em Internet, e precisamos melhorar"
Aulas Presenciais	"Eu creio que falta mais aulas presenciais", "Mais aulas presencial"
Nenhuma Sugestão	"Nada", "Até agora nada", "Por mim não falta nada"
Diálogo entre Estudantes e Professores	"Falta diálogo dos estudantes com professores"
Motivação dos Jovens	"Que o instituto motive os mais jovens a se interessarem mais para melhorar os nossos objetivos"

Fonte: Elaborado pelo autor (2024). Pesquisa com estudantes indígenas do IFRR campus Amajari (Curso Técnico subsequente ao nível médio de Agropecuária EaD).

5.6.2 Análise qualitativa das respostas

A análise das respostas revela que muitos estudantes sugerem melhorias na infraestrutura tecnológica, principalmente no que diz respeito à internet. Além disso, há um pedido significativo por mais aulas presenciais para melhorar o aprendizado. Alguns participantes também mencionaram a importância de um diálogo mais aberto entre professores e estudantes e a necessidade de motivar os jovens a se envolverem mais no curso.

Figura 6 – Gráfico de barras com as sugestões dos estudantes para melhorias no curso



Fonte: Elaborado pelo autor (2024). Pesquisa com estudantes indígenas do IFRR campus Amajari (Curso Técnico subsequente ao nível médio de Agropecuária EaD).

5.7 Avaliação geral do curso pelos estudantes

Nesta seção, analisamos as percepções dos estudantes sobre como o curso pode contribuir para o desenvolvimento de suas comunidades e famílias. As respostas foram agrupadas em temas principais que refletem o impacto do curso nas áreas de desenvolvimento social, práticas agrícolas, empreendedorismo, e educação prática.

5.7.1 Percepção dos estudantes sobre o impacto do curso

Quadro 7 – Avaliação Geral do Curso pelos Estudantes

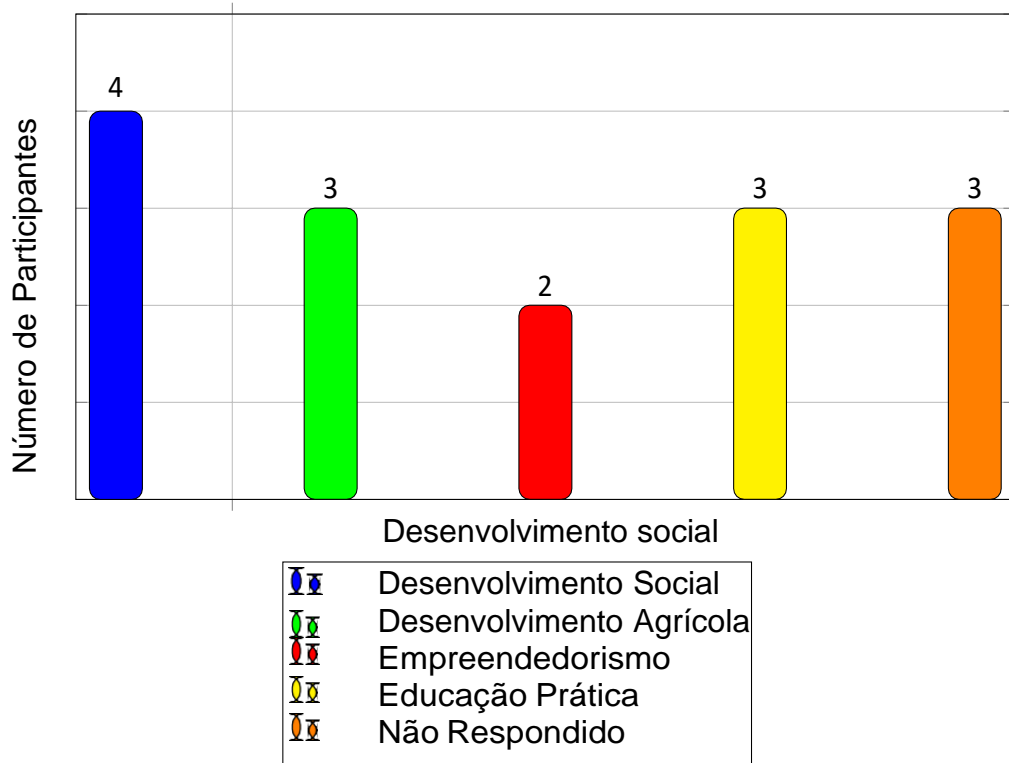
Categoria	Resposta Real dos Participantes
Desenvolvimento Social e Comunitário	"Eu pretendo fazer, ajudar, trabalhar e mostrar o que aprendi", "Trazer oportunidade para minha comunidade e ensinar os jovens", "Vou incentivar os jovens a estudarem, e fazer mini projeto na comunidade", "Contribuir na melhoria sustentável da comunidade"
Desenvolvimento Agrícola e Sustentável	"Vai ajudar a desenvolver uma agricultura melhor e assim, gerar uma boa renda", "fazendo projeto voltado com a agricultura", "Poderá contribuir entre vários pontos nas criações e plantações"
Empreendedorismo e Geração de Renda	"Poderá contribuir com a produção, no empreendedorismo", "Ter um bom conhecimento e um bom salário"
Educação como Ferramenta Prática e de Conhecimento	"Mim ajudaria em formação prática", "No desenvolvimento das atividades práticas e teorias no trabalho", "Eu queria melhorar o desenvolvimento da minha família e da comunidade"
Vago ou Não Respondido	"Melhoras mas", "Dinheiro", "Acredito que sim. Pra mim seria uma porta de abrir oportunidade"

Fonte: Elaborado pelo autor (2024). Pesquisa com estudantes indígenas do IFRR campus Amajari (Curso Técnico subsequente ao nível médio de Agropecuária EaD).

5.7.2 Análise qualitativa das respostas

A maioria dos estudantes acredita que o curso tem um impacto significativo no desenvolvimento social e no desenvolvimento agrícola sustentável. Muitos dos alunos destacaram o papel do curso em melhorar as práticas agrícolas em suas comunidades, com ênfase no empreendedorismo e na geração de renda. Além disso, o curso foi visto como uma ferramenta para formação prática e aplicação direta no mundo do trabalho.

Figura 7 – Gráfico de barras com a avaliação geral do curso pelos estudantes



Fonte: Elaborado pelo autor (2024). Pesquisa com estudantes indígenas do IFRR campus Amajari (Curso Técnico subsequente ao nível médio de Agropecuária EaD).

5.8 Expectativas futuras dos estudantes

Nesta seção, analisamos os maiores sonhos dos estudantes e como eles pretendem alcançá-los. A maioria dos estudantes conecta seus sonhos a uma formação profissional ou ao desejo de melhorar as condições de vida de suas famílias.

5.8.1 Expectativas futuras dos estudantes

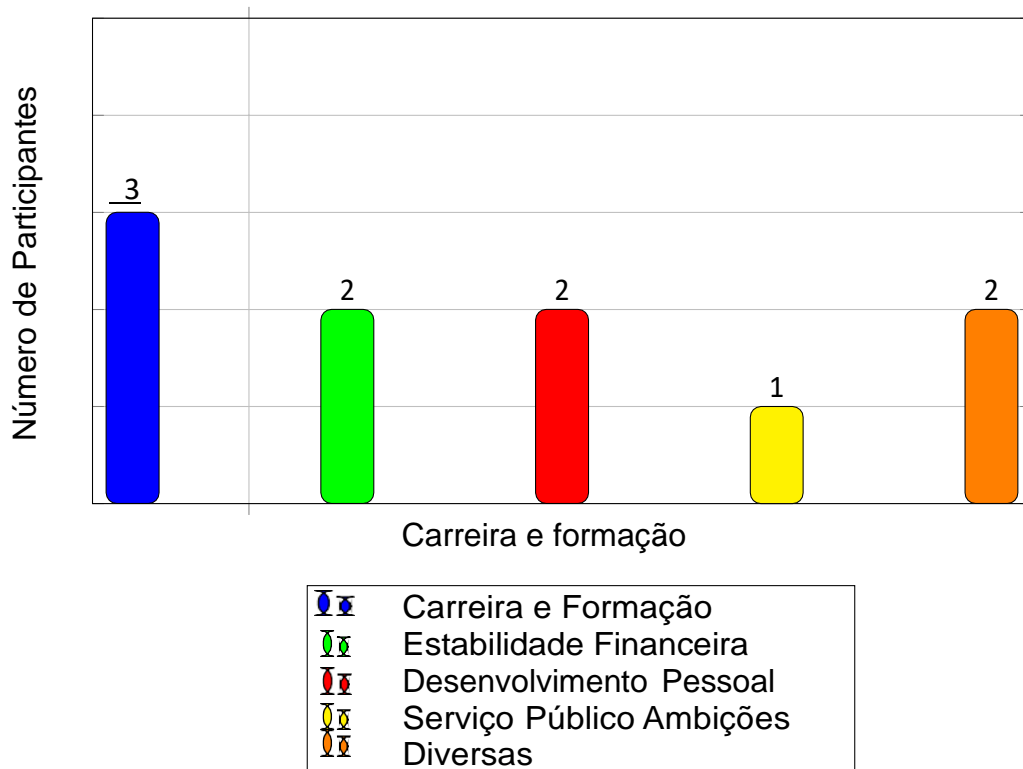
O **Quadro 8** apresenta uma organização das respostas reais dos participantes, categorizadas por temas principais.

Quadro 8 – Expectativas futuras dos estudantes

Categoria	Resposta Real dos Participantes
Carreira e Formação Profissional	"Se formar em técnico agropecuária", "Estudar pra ser engenheira. Passando no vestibular", "Fazer o curso de Técnico em Enfermagem"
Estabilidade Financeira	"Meu maior sonho é ter uma boa estabilidade financeira", "Em ter uma vida estável no ramo de empresas"
Desenvolvimento Pessoal e Familiar	"Dar uma vida melhor aos meus filhos", "Trazer essa oportunidade para minha família"
Serviço Público	"Meu maior sonho é ser militar e pretendo alcançar estudando"
Ambições Diversas	"Virar motorista", "Pretendo alcançar sem ter as dificuldades"

Fonte: Elaborado pelo autor (2024). Pesquisa com estudantes indígenas do IFRR campus Amajari (Curso Técnico subsequente ao nível médio de Agropecuária EaD).

5.8.2 Gráfico de barras com expectativas futuras dos estudantes

Figura 8 – Gráfico de barras com as expectativas futuras dos estudantes

Fonte: Elaborado pelo autor (2024). Pesquisa com estudantes indígenas do IFRR campus Amajari (Curso Técnico subsequente ao nível médio de Agropecuária EaD).

O **Quadro 8** categoriza as respostas dos participantes em temas principais, enquanto a **Figura 8** visualiza a quantidade de estudantes que se enquadram em cada categoria.

6 PRODUTO EDUCACIONAL: *PODCAST* "VOZES INDÍGENAS NA REDE FEDERAL DE ENSINO-EDUCAÇÃO PROFISSIONAL SABERES TRADICIONAIS EM DIÁLOGO"

6.1 Apresentação e justificativa do *podcast*

Este capítulo apresenta o *podcast* intitulado "Vozes Indígenas na Rede Federal de Ensino", desenvolvido como parte desta dissertação. A escolha do formato *podcast* reflete uma abordagem pedagógica atual, que visa dar protagonismo aos estudantes indígenas e promover o compartilhamento de suas vivências e desafios na Rede Federal de Ensino. A criação deste *podcast* responde à necessidade de aproximar a comunidade acadêmica dos saberes tradicionais indígenas, criando um espaço de diálogo intercultural e escuta ativa. Ao transformar as experiências dos estudantes em narrativas sonoras, o *podcast* não apenas dá visibilidade às questões culturais e educacionais dos povos indígenas, mas também incentiva reflexões sobre o papel da educação técnica no fortalecimento dessas identidades.

O formato de *podcast* foi selecionado pela sua acessibilidade e amplitude de alcance, permitindo que estudantes, docentes, gestores da Rede Federal de Ensino e as próprias comunidades indígenas acessem o conteúdo. Assim, o *podcast* se configura como uma ferramenta educativa e cultural que propicia reflexões sobre inclusão, diversidade e valorização identitária nas instituições. Composto por seis episódios, cada um abordando um tema específico, o *podcast* "Vozes Indígenas na Rede Federal de Ensino" oferece um panorama abrangente das diversas dimensões da educação profissional para estudantes indígenas. Esse produto não apenas documenta experiências, mas também contribui para o fortalecimento de práticas pedagógicas inclusivas, sensíveis às realidades culturais indígenas.

Para acessar o *podcast*, utilize o seguinte *link*: [Podcast Vozes Indígenas na Rede Federal de Ensino](#).

6.2 Estrutura e organização do *podcast*

O *podcast* foi organizado em seis episódios, cada um abordando aspectos fundamentais das vivências e desafios enfrentados pelos estudantes indígenas nos Institutos Federais. A estrutura foi planejada de forma a que cada episódio

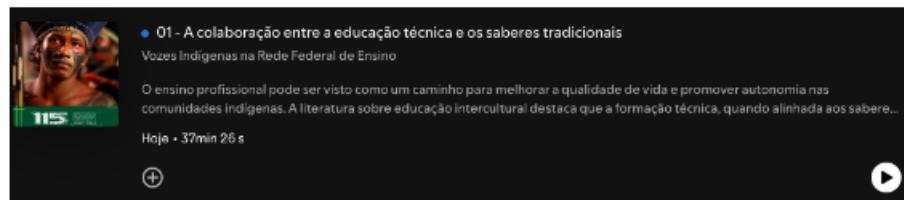
complementasse a narrativa central, revelando diferentes dimensões da experiência acadêmica desses estudantes.

6.2.1 Temas dos episódios

Os episódios abordam os seguintes temas centrais:

Episódio 1: Acolhimento e Primeiras Impressões Neste episódio, os estudantes relatam suas experiências iniciais ao ingressar na Rede Federal de Ensino, discutindo a recepção por parte das instituições e os desafios de adaptação ao ambiente acadêmico.

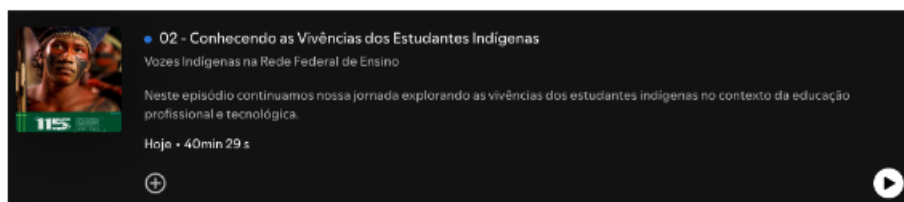
Figura 9 – A colaboração entre a educação técnica e os saberes tradicionais



Fonte: Elaborado pelo autor (2024). Extraído do *Podcast Vozes Indígenas*.

Episódio 2: Desafios Acadêmicos e Culturais O segundo episódio trata dos obstáculos enfrentados pelos estudantes, como as dificuldades para conciliar o calendário escolar com as práticas culturais e os desafios acadêmicos relacionados ao conteúdo e à metodologia.

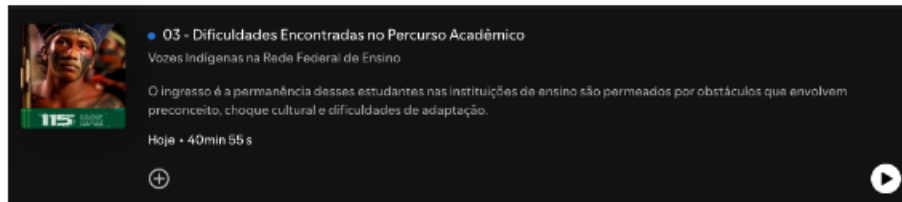
Figura 10 – Conhecendo as vivências dos estudantes indígenas.



Fonte: Elaborado pelo autor (2024). Extraído do *Podcast Vozes Indígenas*.

Episódio 3: Inclusão e Valorização Cultural Neste episódio, os estudantes discutem a importância do reconhecimento e valorização de suas identidades culturais no ambiente acadêmico, destacando tanto iniciativas de inclusão quanto barreiras enfrentadas.

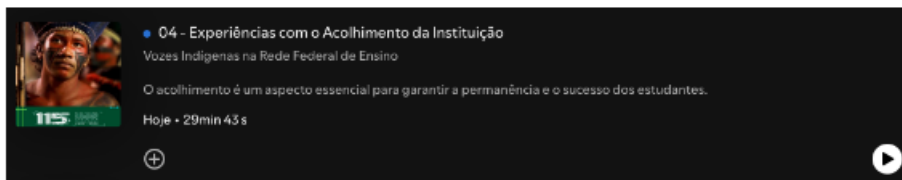
Figura 11 – Dificuldades encontradas no percurso acadêmico



Fonte: Elaborado pelo autor (2024). Extraído do *Podcast Vozes Indígenas*.

Episódio 4: Saberes Tradicionais e Ensino Técnico O foco deste episódio é a articulação entre os saberes tradicionais e o conhecimento técnico, explorando como as práticas indígenas podem se integrar aos conteúdos pedagógicos.

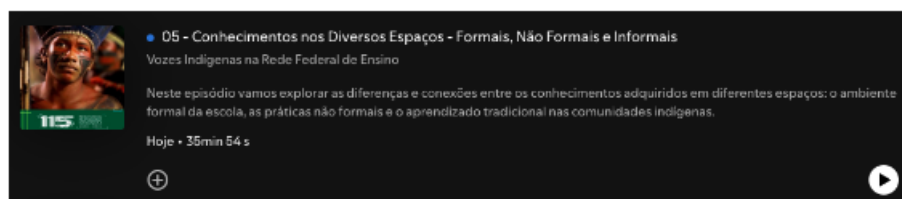
Figura 12 – Experiências com o acolhimento da instituição



Fonte: Elaborado pelo autor (2024). Extraído do *Podcast Vozes Indígenas*.

Episódio 5: Propostas para uma Educação Inclusiva Neste episódio, os estudantes apresentam sugestões e reflexões sobre como melhorar o acolhimento e a formação técnica, propondo caminhos para uma educação mais inclusiva e significativa.

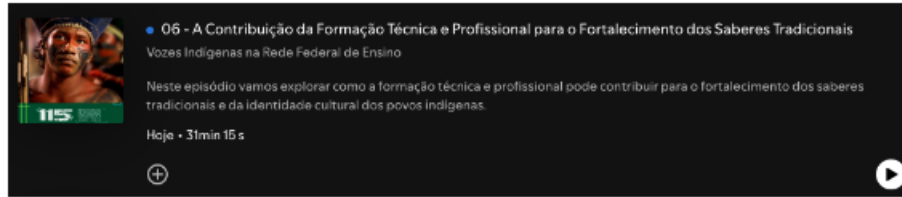
Figura 13 – Conhecimentos nos diversos espaços: formais, não formais e informais



Fonte: Elaborado pelo autor (2024). Extraído do *Podcast Vozes Indígenas*.

Episódio 6: Reflexões Finais e Caminhos Futuros O episódio final oferece um espaço para os estudantes refletirem sobre suas trajetórias e compartilharem expectativas para o futuro, tanto no campo profissional quanto na preservação cultural.

Figura 14 – A contribuição da formação técnica e profissional para o fortalecimento dos saberes tradicionais.



Fonte: Elaborado pelo autor (2024). Extraído do *Podcast Vozes Indígenas*.

6.3 Descrição e criação do *podcast*

O *podcast* foi desenvolvido com a intenção de ser um espaço educacional e cultural que mergulha nas experiências dos estudantes indígenas dentro da educação profissional. Cada episódio, com duração média de 30 a 40 minutos, adota um formato de entrevistas e conversas intercaladas com depoimentos pessoais, promovendo uma rica troca de experiências e perspectivas. Esse formato foi cuidadosamente planejado para manter uma narrativa fluida e envolvente, permitindo que os temas ganhem profundidade sem comprometer o ritmo e o interesse dos ouvintes.

A narrativa se organiza de forma sequencial, acompanhando a jornada dos estudantes desde o momento em que ingressam nas instituições até suas reflexões sobre o futuro. Essa continuidade entre os episódios cria uma linha narrativa que proporciona uma visão completa e contextualizada da importância e do impacto da educação técnica na vida desses estudantes. A escolha e a organização dos temas reforçam a proposta de inclusão, diversidade e o papel transformador da educação técnica na construção de uma sociedade mais justa e plural.

O processo de criação do *podcast* foi colaborativo, com participação ativa dos estudantes em cada etapa. Desde a concepção inicial, foram realizadas conversas com estudantes, professores e gestores do Instituto Federal de Roraima (IFRR), com o objetivo de explorar o potencial do *podcast* como uma ferramenta educacional significativa. Esse processo garantiu que os estudantes tivessem voz na definição dos temas e na abordagem adotada, resultando em um produto que reflete com autenticidade suas vivências e expectativas, estabelecendo um espaço genuíno de diálogo e expressão.

6.3.1 Envolvimento dos estudantes

Os estudantes indígenas assumiram um papel fundamental na construção do *podcast*, atuando como cocriadores e participando ativamente em cada etapa do processo. Este foi um percurso colaborativo, onde cada voz e cada perspectiva tiveram o espaço e o apoio necessários para florescer, permitindo que o *podcast* refletisse genuinamente as vivências e expectativas dos estudantes.

- Conduziram a definição dos temas e das perguntas essenciais, garantindo que os tópicos abordados ressoassem com as questões mais relevantes para suas comunidades.
- Contribuíram diretamente para a elaboração dos roteiros, participando da escrita e revisando o conteúdo para assegurar que cada episódio fosse inclusivo e autêntico em sua essência.
- Engajaram-se nas gravações e nas conversas, realizadas remotamente, o que exigiu um manejo hábil de ferramentas digitais e uma capacidade adaptativa para superar as barreiras de distância e conectividade.

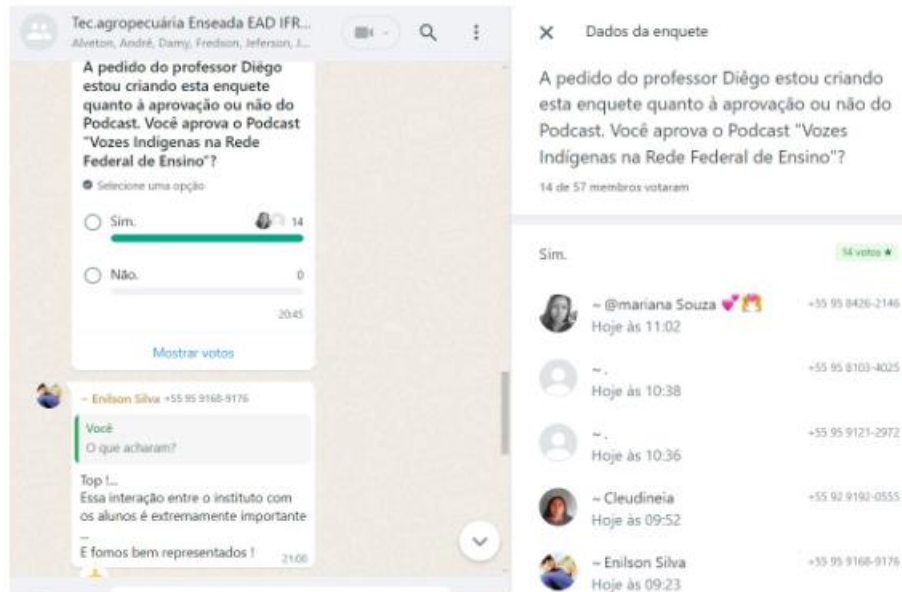
Essa abordagem coletiva assegurou que o *podcast* captasse, de forma honesta e respeitosa, as vozes dos estudantes, fortalecendo seu sentido de pertencimento ao projeto e criando um espaço onde pudessem compartilhar abertamente suas experiências acadêmicas e culturais.

Além disso, embora tenham enfrentado desafios, como a necessidade de adaptação ao formato remoto, os estudantes demonstraram resiliência, utilizando tecnologias digitais e contando com o apoio institucional para superar as dificuldades.

Uma enquete realizada entre os membros do curso evidenciou a recepção positiva e o impacto significativo do *podcast*, tanto para os estudantes quanto para os docentes, reforçando a relevância desse espaço de diálogo e expressão.

As gravações foram realizadas remotamente, utilizando plataformas digitais, e a edição dos episódios foi feita com *softwares* acessíveis, como Audacity e Anchor. O ambiente de gravação foi cuidadosamente preparado para que os participantes se sentissem à vontade para compartilhar suas histórias.

Figura 15 – Resultado da enquete sobre a aprovação do *Podcast* “Vozes Indígenas na Rede Federal de Ensino”



Fonte: Extraído de grupo de WhatsApp – Tec.agropecuária Enseada EAD IFR.

6.4 Objetivos pedagógicos e aplicação prática na educação

O *podcast* foi concebido com um propósito pedagógico profundo: valorizar as vivências dos estudantes indígenas e promover uma educação técnica genuinamente inclusiva. Mais do que um recurso complementar, ele surge como uma ferramenta para integrar essas experiências ao cotidiano acadêmico das instituições da Rede Federal, com potencial para ser aplicado em sala de aula, em projetos de extensão e na formação docente.

A proposta pedagógica do *podcast* busca, portanto, ampliar a perspectiva educacional ao incorporar as narrativas indígenas em múltiplas frentes, permitindo que essas histórias sejam não apenas ouvidas, mas também compreendidas e respeitadas em seu valor cultural e social.

Espera-se que o uso do *podcast* promova uma transformação significativa nas práticas pedagógicas, incentivando o diálogo intercultural e a valorização dos saberes tradicionais no ambiente acadêmico. O impacto almejado vai além de sensibilizar os ouvintes; pretende-se que ele inspire novos caminhos na educação e fortaleça a identidade cultural dos estudantes indígenas. Assim, o *podcast* se posiciona como um centralizador de práticas inclusivas, um espaço onde o conhecimento técnico e o saber ancestral se encontram, ampliando a compreensão mútua e enriquecendo o processo educativo.

7 SABERES EM MOVIMENTO: CONECTANDO EXPERIÊNCIAS, TRADIÇÕES E INOVAÇÃO

7.1 Introdução: O diálogo contínuo entre saberes tradicionais e educação técnica

Este capítulo integra as reflexões surgidas ao longo da pesquisa, destacando as narrativas do *podcast* “Vozes Indígenas na Rede Federal de Ensino”. A convergência entre educação técnica e saberes tradicionais emerge como central nas vivências dos estudantes indígenas, apontando para a necessidade de uma análise sobre como conciliar essas duas esferas.

A trajetória desses estudantes revela um movimento constante entre dois mundos: a educação profissional aparece tanto como um caminho de transformação quanto como um espaço de desafios e tensões culturais. Os relatos no *podcast* destacam a importância de um modelo educacional que valorize a identidade indígena sem deixar de lado a formação técnica, essencial para uma educação inclusiva e significativa. Este capítulo, portanto, sintetiza essas experiências, articulando-as ao debate sobre políticas públicas e práticas pedagógicas.

Essas percepções evidenciam que lacunas estruturais e a falta de uma abordagem culturalmente sensível ainda limitam a eficácia da educação profissional e tecnológica (EPT) para os povos indígenas. O desafio vai além da simples oferta de vagas, envolvendo a criação de um ambiente educacional acolhedor e adaptado às realidades culturais.

Relato destacado do podcast:

"Precisa ter mais estrutura para poder tem mais conhecimento, para mim poder alcançar eu tenho que tá podendo. Eu acho que é mais ou menos isso: receber o estudo assim, que eu tiver mais conhecimento que é a estrutura" (Estudante 01).

Esse trecho reflete a demanda dos estudantes por uma estrutura educacional que vá além do conhecimento técnico, possibilitando uma compreensão ampliada de sua realidade e uma aplicação prática significativa.

Assim, esta introdução busca contextualizar a importância de repensar abordagens pedagógicas e institucionais, visando à construção de uma educação verdadeiramente inclusiva e transformadora.

7.2 Vozes e experiências: o ensino técnico como ponte entre mundos

A educação técnica se apresenta como uma oportunidade de transformação, mas traz consigo desafios relacionados à preservação das tradições culturais.

Estudantes entrevistados no *podcast* apontam que o conhecimento técnico precisa estar em equilíbrio com os saberes tradicionais, evitando que a educação se torne um fator de afastamento cultural.

Esse relato revela a importância de integrar o conhecimento técnico com as práticas ancestrais, permitindo que os estudantes avancem academicamente sem romper com suas raízes culturais. A agroecologia, por exemplo, destaca-se como um campo onde a ciência moderna dialoga com os saberes indígenas, promovendo uma educação contextualizada e relevante.

Relato destacado do *podcast*:

"Quando comecei o curso técnico, aprendi sobre agroecologia. Foi interessante ver como eles falavam de algo que a minha comunidade já praticava, só que com outros nomes. Isso me fez perceber que a nossa sabedoria também é valiosa" (Estudante 02).

A educação técnica pode, ainda, se tornar uma ferramenta para fortalecer a autonomia das comunidades indígenas, desde que oferecida de forma respeitosa e alinhada às demandas locais.

Esse olhar dos estudantes reforça a importância de uma educação holística, que não apenas impulse o desenvolvimento econômico, mas também valorize e preserve a identidade cultural. Assim, a educação profissional torna-se um espaço de encontro e troca, onde saberes distintos podem coexistir e se enriquecer mutuamente.

Comentário adicional do *podcast*:

"Se o conhecimento técnico for só para tirar a gente da comunidade e colocar no mundo do trabalho, a gente perde nossa essência. Mas se ele ajudar a melhorar o que a gente já faz, aí ele tem valor" (Estudante 03).

Esses depoimentos enfatizam a importância de que o ensino técnico seja ajustado à realidade dos estudantes indígenas, promovendo uma educação que não apenas reconheça, mas valorize suas tradições como elementos essenciais do processo educativo.

7.3 O conflito entre responsabilidades culturais e acadêmicas

Apesar das potencialidades oferecidas pela educação técnica, muitos estudantes relataram dificuldades em equilibrar as demandas acadêmicas com suas responsabilidades culturais e familiares. O calendário rígido das instituições de ensino, por exemplo, frequentemente se choca com os rituais e práticas comunitárias.

Esse conflito revela uma necessidade urgente de maior flexibilidade nas práticas pedagógicas, de modo a respeitar e integrar as especificidades culturais dos estudantes indígenas. A adaptação do currículo e dos prazos acadêmicos torna-se essencial para promover uma educação verdadeiramente inclusiva e alinhada às realidades locais.

Relato do *podcast* sobre o desafio de conciliar estudos e tradições:

"Eu não posso faltar aos rituais, porque são importantes para a minha família e minha comunidade. Mas na escola, se eu faltar, parece que estou desrespeitando as aulas. Fica difícil equilibrar" (Estudante 04).

Esses depoimentos reforçam que a integração entre os saberes acadêmicos e culturais não pode ser feita de forma unilateral. É fundamental que as instituições adotem políticas pedagógicas que considerem as demandas comunitárias dos estudantes, possibilitando a convivência harmônica entre esses dois universos.

Uma abordagem possível seria a criação de políticas que flexibilizem prazos e calendários, respeitando eventos culturais essenciais. Além disso, é crucial que os professores compreendam a importância desses compromissos culturais e trabalhem de forma colaborativa com os estudantes para encontrar soluções práticas e viáveis.

Comentário do *podcast* sobre apoio institucional:

"Quando o professor entende que tenho outras responsabilidades na comunidade, ele me dá espaço para organizar meu tempo. Isso faz toda a diferença" (Estudante 05).

Com a implementação de práticas pedagógicas adaptativas e inclusivas, torna-se possível criar um ambiente educacional no qual os estudantes indígenas se sintam respeitados e apoiados, sem que precisem escolher entre a educação e suas tradições.

7.4 Modelos pedagógicos e currículos flexíveis para a integração de saberes

A integração entre saberes formais e tradicionais não ocorre de forma automática; ela exige uma reorientação cuidadosa dos currículos e das práticas institucionais. Contudo, algumas iniciativas em escolas e institutos demonstram que essa convergência é possível e, mais ainda, desejável. Um exemplo promissor é a inclusão de disciplinas como “Notório Saber”, que abordam cosmologia e práticas indígenas de maneira estruturada, permitindo que os estudantes vejam suas identidades culturais refletidas no próprio currículo.

Os relatos dos estudantes, captados no *podcast*, revelam que a valorização de seus saberes é um fator crucial para que a educação técnica tenha real significado e promova engajamento.

Relato destacado do *podcast*:

"Quando o professor inclui a nossa cultura na aula, eu sinto que estou aprendendo algo que faz sentido para mim e para a minha comunidade" (Estudante 03).

Essa integração evidencia que os currículos não precisam sacrificar o rigor acadêmico para acolher conhecimentos tradicionais. Pelo contrário, uma educação que reconheça e valorize diversas formas de saber enriquece o processo de aprendizagem e fortalece a autonomia dos estudantes.

Desenvolver currículos sensíveis às realidades dos estudantes indígenas exige uma abordagem que ultrapasse o conteúdo padronizado. Flexibilizar o currículo para incorporar saberes locais e práticas culturais não só promove uma educação mais inclusiva, mas também a torna mais conectada com o contexto de vida dos estudantes.

Comentário destacado do *podcast*:

"A nossa realidade é diferente da dos outros alunos, e é importante que os professores entendam isso e adaptem as aulas de acordo com o que vivemos" (Estudante 06).

Este depoimento reforça a urgência de uma pedagogia adaptativa, onde educadores estejam dispostos a ajustar conteúdos e metodologias para refletir a diversidade cultural e social dos estudantes. Além disso, é vital que as instituições reconheçam o valor dos saberes comunitários, criando espaços onde esses conhecimentos possam ser compartilhados e celebrados.

Projetos comunitários emergem como uma ferramenta pedagógica poderosa,

na qual o conhecimento técnico é aplicado diretamente nas comunidades dos estudantes, promovendo desenvolvimento local e valorização cultural. A transição do aprendizado da sala de aula para a prática comunitária fortalece o vínculo entre educação e o cotidiano dos estudantes.

8 REFLEXÕES FINAIS: A EDUCAÇÃO TÉCNICA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO E PLURALIDADE

A trajetória apresentada nesta dissertação revela que a educação técnica, quando bem direcionada, se torna um espaço onde saberes tradicionais e conhecimentos acadêmicos se encontram e se enriquecem juntamente. Os relatos dos estudantes indígenas, colhidos no *podcast* "Vozes Indígenas na Rede Federal de Ensino", mostram que a educação vai além da formação profissional; ela é um meio de preservação cultural, fortalecimento comunitário e transformação pessoal, quando assim a instituição compreende e respeita.

A intersecção entre tradição e modernidade, presente na experiência desses estudantes, reforça a necessidade de modelos pedagógicos flexíveis e inclusivos. Uma educação que valorize a diversidade e acolha diferentes formas de saber prepara os indivíduos para o mundo do trabalho e para a construção de uma sociedade mais justa e plural.

Este estudo busca deixar como legado a importância de uma educação técnica realmente inclusiva e comprometida com a diversidade cultural. Reconhecer as culturas indígenas como parte essencial do processo educativo não é só uma questão de inclusão, mas de justiça social. Haja vista todo o histórico de invisibilidade já sofrido.

A Rede Federal de Ensino desempenha um papel essencial na construção desse futuro. Adotar currículos sensíveis à diversidade e políticas de acolhimento efetivas são passos cruciais para que os estudantes indígenas se sintam parte do ambiente acadêmico e possam se desenvolver plenamente, aplicando também o conhecimento de vida.

Esta dissertação ilustra que a educação não é um processo isolado, mas um encontro de culturas e perspectivas. Quando o conhecimento técnico é integrado aos saberes tradicionais, ele se torna uma ferramenta poderosa de empoderamento e mudança social.

Este trabalho não se encerra aqui, mas abre caminhos para novas reflexões e práticas. O aprendizado continua a cada passo dado por estudantes, comunidades e instituições na busca por uma educação que transforme e una de verdade todos os povos. Mais do que uma análise acadêmica, esta dissertação é uma contribuição ao diálogo contínuo entre culturas, saberes e futuros possíveis.

O estudo mostrou que a educação técnica para povos indígenas na Rede Federal precisa ir além de sua função formativa, estabelecendo-se como um meio de transformação social, cultural e econômica. A valorização dos saberes tradicionais, aliada ao aprendizado técnico, revelou-se fundamental para garantir uma educação significativa, inclusiva e sustentável.

O sucesso dessa integração depende de fatores como a formação continuada de docentes, a flexibilização dos currículos e políticas institucionais voltadas ao acolhimento e permanência dos estudantes. Com essas medidas, será possível construir uma educação que prepare para o futuro sem perder o vínculo com as raízes culturais dos povos indígenas.

A Rede Federal de Ensino enfrenta o desafio e a responsabilidade de promover essa transformação, consolidando-se como um espaço de aprendizado intercultural e de fortalecimento da pluralidade. Esta dissertação espera ter contribuído para esse debate, apresentando caminhos e perspectivas que possam orientar a construção de uma educação técnica mais justa e inclusiva para todos.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A então dissertação reafirma a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) como um instrumento central para o desenvolvimento social, cultural e econômico das comunidades indígenas. Este estudo mostrou que a integração entre saberes técnicos e saberes tradicionais é mais do que uma necessidade; é uma oportunidade estratégica para promover uma educação inclusiva e transformadora, capaz de respeitar as identidades culturais enquanto prepara os estudantes para os desafios de hoje em dia. No entanto, para alcançar este objetivo, é necessário enfrentar barreiras estruturais e culturais que ainda rodeiam a educação.

Os dados qualitativos obtidos durante a pesquisa trouxeram reflexões profundas sobre a importância do diálogo intercultural para a educação. Por exemplo, os relatos dos estudantes indígenas, coletados no contexto do podcast "Vozes Indígenas na Rede Federal de Ensino", reforçaram que a educação técnica vai muito além da formação profissional. Ela representa um meio de preservação cultural, fortalecimento comunitário e emancipação social, desde que seja desenvolvida em alinhamento com as especificidades/particularidades culturais dos povos indígenas. Por outro lado, desafios permanecem, como a dificuldade com a língua portuguesa e o acesso limitado a tecnologias básicas. Esses motivos comprometem não apenas a qualidade do aprendizado, mas também a permanência dos estudantes nos cursos e projetos ofertados pela instituição.

A ausência de uma legislação específica que normatize a educação profissional voltada para os povos indígenas foi outro ponto crítico destacado pela pesquisa. Apesar de avanços em políticas públicas para a educação básica e superior indígena, a EPT ainda carece de diretrizes claras que integrem os saberes tradicionais aos currículos técnicos. Esse hiato legislativo contribui para a desconexão entre os conteúdos oferecidos e as realidades socioculturais das comunidades, reforçando barreiras históricas de exclusão e invisibilidade que já foi discutido e apresentado aqui.

Os dados quantitativos reforçam a dimensão dos desafios enfrentados pelos estudantes indígenas. No Campus Amajari, foi observada uma taxa significativa de evasão relacionada à falta de suporte adequado, como materiais didáticos bilíngues, acesso à internet e políticas de acolhimento. Além disso, o estudo apontou que cerca de 70% dos estudantes entrevistados relataram dificuldades para conciliar os

conteúdos técnicos com os saberes tradicionais, destacando a necessidade de currículos mais flexíveis e adaptáveis às suas realidades.

A pesquisa também trouxe exemplos de resiliência e comprometimento, como o esforço de uma estudante que adquiriu um cartão de internet para participar das entrevistas, e do estudante que saiu de casa às 05:00 para chegar no local onde fica o polo ead às 07:30 para conseguir participar da entrevista, usando a internet do polo. Esses casos demonstram o valor atribuído à educação por essas comunidades e ressaltam a necessidade de ações institucionais que fortaleçam essa conexão. Por outro lado, a construção de confiança entre o pesquisador e os participantes demonstrou que o reconhecimento da identidade cultural do pesquisador, enquanto docente indígena, foi essencial para estabelecer vínculos e promover o diálogo intercultural mais fluído.

Qualitativamente, os dados indicaram que a integração entre práticas técnicas e saberes tradicionais, como na agricultura sustentável e no uso de plantas medicinais naturais, representa um caminho viável para tornar a EPT mais significativa. Essas práticas não apenas promovem o desenvolvimento sustentável, mas também empoderam os estudantes validando e dando a devida importância aos seus conhecimentos de bagagem, fortalecendo seu papel como agentes de transformação em suas comunidades.

Por fim, esta dissertação deixa como legado a reflexão sobre a importância de uma EPT que reconheça e valorize a diversidade cultural como base para uma educação inclusiva e justa, não se encerrando em si mesma, mas abrindo caminhos para novos estudos e práticas. O estudo aponta que, em um futuro doutorado quiçá, uma abordagem macro poderia explorar as especificidades regionais e fornecer subsídios para políticas públicas mais eficazes. A implementação de uma legislação que normatize a EPT para os povos indígenas é um passo essencial para promover a equidade educacional e reduzir as desigualdades históricas enfrentadas por esses povos.

Assim, a Educação Profissional e Tecnológica, quando construída em diálogo com as culturas indígenas, se apresenta como um caminho poderoso para unir tradição e inovação. Esta dissertação aumenta o entendimento que a educação técnica não é apenas uma ferramenta de inserção no mundo do trabalho, mas também um meio de fortalecimento da identidade e transformação social. Cabe à Rede Federal de Ensino assumir o desafio de construir uma educação intercultural

que respeite, valorize e integre todas as formas do saber, promovendo, assim, um futuro mais plural e sustentável.

A trajetória do mestrado apresentou inúmeros desafios, mas a interação com os estudantes mostrou-me algo muito enriquecedor. Cada noite, avançando pelas madrugadas, ou nas primeiras horas do dia, dedicadas às entrevistas, mostrou a importância que esses estudantes dão ao professor. Essas experiências evidenciaram o valor que os estudantes conferem aprendizado de novos conhecimentos, enxergando-os como um meio essencial para fortalecer e subsidiar as atividades em suas comunidades.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. L. **Políticas públicas e educação indígena**. São Paulo: Cortez, 2017.

ALVES, W. B. Educação profissional e preservação cultural indígena. *In: Inserção de Indígenas na Educação Profissional e Tecnológica*. Porto Seguro: IFBA, 2017. p. 218.

ANIWA, G. **O índio brasileiro**. Brasília: MEC, 2006.

BANIWA, G. **Educação e identidade indígena**. São Paulo: Contexto, 2018.

BANIWA, G. **Educação indígena e desenvolvimento sustentável**. Brasília: MEC, 2018.

BANIWA, G. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Decreto nº 6.861, de 27 de maio de 2009. Dispõe sobre a Educação Escolar Indígena, define sua organização em territórios etnoeducacionais, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 28 maio 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6861.htm. Acesso em: 14 out. 2024.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 14 out. 2024.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 30 ago. 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 7 out. 2024.

BRASIL. Lei nº 14.723, de 13 de novembro de 2023. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre o programa especial para o acesso às instituições federais de educação superior e de ensino técnico de nível médio de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio ou fundamental em escola pública. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 14 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CEB nº 3, de 10 de novembro de 1999. Fixa Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 11 nov. 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb03_99.pdf. Acesso em: 16 out. 2024.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação (PNE)**. Brasília: MEC, 2014.

CAMUSO, C. **Aldeamento intelectual inserção de indígenas na educação profissional e tecnológica**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/9458>. Acesso em: 10 out. 2024.

FREIRE, E. P. A. Aplicações escolares do podcast. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE HUMANIZAÇÃO DA POLÍTICA ACADÊMICA (CONAHPA), 6., 2012, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa, PB: CONAHPA, 2012. p.1-15.

FREIRE, E. P. A. O podcast como ferramenta de educação inclusiva para deficientes visuais e auditivos. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 24, n. 40, p. 195-206, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>. Acesso em: 12 out. 2024.

FREIRE, E. P. A. Podcast: breve história de uma nova tecnologia educacional. **Educação em Revista**, Marília, v. 18, n. 2, p. 55-70, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2017.v18n2.05.p55>. Acesso em: 12 out. 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. **Resistência indígena e práticas educativas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. **Sustentabilidade e saberes indígenas**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

MELO FILHO, H. T.; BEZERRA, H. S. N. Políticas de educação profissional e tecnológica, voltadas para diversidade e inclusão: à educação escolar indígena – entre 1995-2006. **Revista Cenas Educacionais**, Caetité, BA, v. 3, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/9915>. Acesso em: 2 out. 2024.

MUNDURUKU, D. **Educação e identidade indígena**. São Paulo: Contexto, 2018.

MUNDURUKU, D. **Literatura indígena como resistência cultural**. São Paulo: Global, 2017.

MUNDURUKU, D. Saberes tradicionais na educação técnica. *In*: **O índio brasileiro**: Gersem Baniwa. Brasília: MEC, 2018. p. 34.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. **Macuxi**. São Paulo: Instituto Socioambiental (ISA), 2022. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Macuxi>. Acesso em: 3 out. 2024.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. **Wapichana**. São Paulo: Instituto Socioambiental (ISA), 2022. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Wapichana>. Acesso em: 3 out. 2024.

RAMOS, J.; KARINE, D. **Metodologia da pesquisa em educação**: abordagens qualitativas, quantitativas e mistas. São Paulo: Edições 70, 2021.

RAMOS, J.; SANTOS, W. S. **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2013.

SANTOS, B. S. **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, B. S. **Ecologia de saberes**: Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, J. A. **Interculturalidade e saberes tradicionais**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

SANTOS, W. S. **Metodologias de entrevista**: uma análise aplicada. Recife: UFPE, 2020.

SILVA, C. J. R. O papel da educação profissional e tecnológica no contexto indígena. *In*: Políticas de Educação Profissional e Tecnológica voltadas para Diversidade e Inclusão. **Revista Cenas Educacionais**, Bahia, 2019. p. 98.

SILVA, J. Políticas públicas e educação indígena: desafios da EPT. **Revista Brasileira de Educação**, 2020.

SILVA, J. A. Saberes tradicionais e currículos interculturais. **Revista Brasileira de Educação**, 2019.

SILVA, J. S. **Pesquisa qualitativa em contextos interculturais**. São Paulo: Editora Acadêmica, 2018.

SILVA, R. C. **Integração dos saberes na EPT**. Brasília: MEC, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, T. T.; WOODWARD, K.; HALL, S. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 69-110.

SMITH, L. T. **Decolonizing methodologies**: research and indigenous peoples. 2. ed. Londres: Zed Books, 2012.

SOUZA, A. M. **Saberes tradicionais e currículo técnico na educação indígena**. Brasília: MEC, 2020.

SOUZA, C. F. Educação profissional e saberes tradicionais: desafios da inclusão. *In*: **Inserção de Indígenas na Educação Profissional e Tecnológica**. Porto Seguro: IFBA, 2020. p. 105.

SOUZA, J. C. **A educação indígena no Brasil: desafios e perspectivas.** São Paulo: Cortez, 2020.

SOUZA, L. C.; FARIAS, J. R. **A Metodologia da pesquisa em Educação Profissional e Tecnológica.** São Paulo: PUC, 2020.

SOUZA, L. G. **A educação escolar indígena na legislação e os indígenas com necessidades educacionais.**

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO INTEGRAL DO *PODCAST*

Então No primeiro episódio do nosso podcast "Vozes indígenas na Rede Federal de Ensino", discutiremos no tema central: a colaboração do ensino profissional para o estudante indígena. A educação profissional não é apenas uma oportunidade de formação técnica, mas também um caminho de emancipação e fortalecimento cultural.

Episódio 1. A colaboração do ensino profissional para o estudante indígena:

1. Como você avalia a importância do ensino profissional para a sua comunidade indígena?

Estudante 01 - Precisa ter mais estrutura para poder tem mais conhecimento para mim poder alcançar eu tenho que tá podendo, eu acho que é mais ou menos receber o estudo assim que eu tiver mais conhecimento que é a estrutura.

Estudante 02 - Na minha avaliação esse curso é de extrema importância aonde a gente aprende a desenvolver Nossa mentalidade os nossos projetos e também aprendi com nossos colegas principalmente com o nosso professores um projeto que a gente não consegue desenvolver a gente vai aprendendo com os professores a gente abrange um pouquinho mais em termos de como desenvolver como a gente tem que projetar e para mim esse curso tá extrema importância para poder estar também conseguindo vaga de emprego para tá trabalhando E para cá para o meu Polo para minha comunidade está sendo muito importante aonde a gente está conseguindo também vagas para emprego é difícil ter um tem um técnico ou algum curso pelo Instituto e esse curso tá sendo de extrema importância para a gente tá aprendendo e meus colegas juntamente comigo estão aprendendo vários tipos de ensino e a gente consegue desenvolver com cada colega um pensamento diferente juntando faz um projeto muito bom e com ajuda dos professores a gente desenvolve um pouco a mais e tá sendo esse curso para o meu Polo para mim comunidade está sendo de extrema importância para a gente estar desenvolvendo.

Estudante 03 - A importância profissional para a minha comunidade tem que buscar entender e estudar para melhorar e ter e ter o conhecimento para poder realizar a base da minha comunidade e também não desistir do estudo e para que possamos realizar tudo na nossa vida.

Estudante 04 - Buscando novos conhecimentos e novas técnicas.

Estudante 05 - Então eu avaliando nesse caso então é importante ensinar um jovem profissional né para que ele fique dentro da comunidade dentro para que não possa sair por aí em outras comunidades para tá sempre trabalhando na comunidade Então é isso muito importante para os jovens ensinar para um profissional dentro da comunidade né?

Estudante 06 - É então eu na minha concepção professor é muito importante tá estudando né buscando conhecimento é Se formar um profissional bem que tem conhecimento não são profissional né como cuidar dos animais das plantas no meu entender né assim para mim como a importância né a gente tá cultivando como a gente podemos plantar um bom alimento como a gente pode estar plantando as verduras bem para fazer bem a nossa saúde né por isso que é muito importante a gente ter conhecimento prático né Tem um profissional como que se deve plantar como que se deve cuidar Então é isso.

Episódio 2. Quais foram os principais motivos que o levaram a buscar uma formação profissional em uma instituição federal?

Estudante 01 - O instituto não fica mais ali só nós tem o polo ficou mais próximo né então meu ponto de vista é esse.

Estudante 02 - Principais motivos que me levaram buscar a formação profissional nessa instituição Federal foi desenvolver minha mente aprender buscar algo novo tentar desenvolver o pensamento que eu tenho abranger Os projetos que eu tenho e esse esse ensino para mim tá sendo importante porque é uma área que eu gosto e tá sendo muito importante porque eu tô aprendendo muitas coisas nesse curso e o motivo de ter o buscado esse ensino assim quando me ofereceram essa oportunidade não pensei duas vezes eu abracei eu falei não vou buscar algo novo tentar desenvolver minha mente e o que eu tô fazendo e pretendo aprender mais e mais e tá sendo de extrema importância para minha vida tanto para o meu trabalho e tanto para para minha família também e pretendo buscar aprender mais e esse curso me incentiva a abrir meu próprio negócio e estou desenvolvendo o meu próprio negócio através desse ensino e por isso todos quero essa formação nessa instituição.

Estudante 03 - Os meus principais motivos e que eu tenho uma oportunidade de buscar uma formação profissional para poder dar forma e trabalhar dentro da comunidade e mostrar o futuro o trabalho para uma comunidade e mostrar o conhecimento tudo o que a pessoa quer e formando em uma base e buscar uma

nova formação e uma nova oportunidade.

Estudante 04 - Adquirir novos conhecimentos e formação acadêmica.

Estudante 05 - Esse sobre a sobre os motivos é um professor para ir para se formar na Instituição Federal e trazer um conhecimento para cada jovens que precisam de estudar mais e trazer uma boa um bom estudo para cada para cada um dos interessados e como também como sair formado aí tem como trazer um curso para dentro da comunidade para se formatar dentro da comunidade que a gente precisa estar saindo formado para formar outro jovem na comunidade onde a gente convive então aí vamos tentar pela instituição Federal como veio aí na comunidade Então como nós estamos se formando estudando para se formar melhor eu aproveito na comunidade.

Estudante 06 - É então as principais motivos é que é para mim é que eu sei né eu conheço mas só que é para mim trabalhar com gado tanto faz na agricultura para trabalhar com os animais cortar a lista eu tenho que ter eu tenho conhecimento só que eu quero eu vim buscar mas como é cuidar na hora de fazer adubação como que é para podar as plantas então é por isso que é meus grandes motivos foi isso pra gente ter as plantas bem bem cuidada bem tratada assim como esse povo vamos dizer falar dessa forma né É porque se eu for para dar um pé de Limoeiro um pé de mangueira pode ser que eu não posso podar ela da maneira que é para podar né então os meus principais motivos foi isso e aqui a gente conhece tudo mas só que a gente não sabe é uma técnica bem profissional mesmo então é isso para mim né Não sei se eu tô indo certo.

Episódio 3. Como você vê a relação entre o conhecimento técnico oferecido na escola e os saberes tradicionais da sua cultura?

Estudante 01 - Bom não era mais simples assim dos que pensava mas pode mudar a vida da gente para poder trabalhar aqui com a associação e é isso né.

Estudante 02 - Vejo que na relação entre o conhecimento técnico de saber Extra tradicionais da Cultura é que o conhecimento técnico ela vê de uma ampla visão diferente da Cultura tradicional por exemplo na minha etnia costume nosso fazer Colares indígena mas para quem tem o conhecimento técnico pode dar uma visão diferente para quem já faz esse serviço faz esses Colares não você pode mudar isso aqui e pode ficar mais bonito Então ela já já dá uma visão diferente já dá uma opinião diferente o conhecimento diferente aí a cultura tradicional já deve isso e ver que realmente está positivo então a relação entre conhecimento técnico de saber

de tradicionais é que ela abre uma visão diferente e uma ampla visão de conhecimento e facilita o trabalho e o manejo diferente.

Estudante 03 - São saberes indígenas na escola que é uma iniciativa do Ministério da Educação para oferecer a esses professores formação do mundo ou multimídia em letramento e numeramento em línguas indígenas e em português conhecimento e artes verbais indígenas Onde encontramos nos conhecimentos tradicionais Associados em todas as práticas cotidianas utilizadas integrantes dos povos e comunidade das pessoas mais diferentes desigualdade social brasileira.

Estudante 04 - Não quis responder.

Estudante 05 - Pergunta então a gente vê um conhecimento de cada técnica que passa assim para dar aula para a gente então vem cada professor formado né vem mostrando seus trabalhos do que aprenderam que se formaram em então repassando para nós também então você vê oferecido né na escola como a gente trabalhar com os plantios e os demais e a gente planta aqui no na comunidade então com esses saberes tradicionais na nossa cultura aqui a gente já tá já por dentro desse desse saberes que ninguém nunca tinha visto assim um técnico ser manual é trabalhando com os espelho coisas matérias químicos orgânicas Então esse conhecimento daqui nós estamos aprendendo e eu espero que praticamos também não deixa de mão tá não tá fazendo nada né tem que aproveitar e leva em frente.

Estudante 06 - Então Professor Como eu vejo essa relação é muito bom vocês você está presente né porque você já tem um conhecimento a gente também tem só que vocês esclarecer mais para gente porque a gente sabe de uma forma você sabe do outro então para mim é muito importante que você está presente Lembrando a nossa Cultura né Como pode ser trabalhado e também respeitando a cultura daqui e é para mim é isso né

Episódio 4. De que maneira você acredita que o ensino profissional pode contribuir para o fortalecimento da sua cultura e dos saberes tradicionais?

Estudante 01 - Pode fazer pra deixar mais forte e melhor é isso né.

Estudante 02 - Eu acredito que esse ensino pode contribuir de várias maneiras para fortalecimento da minha cultura e saber extras tradicionais com esse ensino consigo fortalecer a minha cultura e a se desenvolver com o meu conhecimento através desse ensino profissionalizante aqui me permite solucionar evoluir com o conhecimento que eu estou tendo através desse ensino profissional Ai que me qualifica Para conhecimento diferente ter o manejo mais simples mas sem

perder sua qualidade acredito que com esse ensino posso fortalecer muito a minha cultura com esse ensino profissional de fato ela me ela me qualifica para solucionar fortalecer e desenvolver com meu aprendizado que eu estou tendo com esse ensino nem todos temos a mesma visão com visão difícil e outro com visão simples e eu acredito muito que com esse ensino profissional que a gente tem a gente pode solucionar várias coisas que são meio difícil vamos supor na nossa cultura no nosso manejo em algumas coisas que a gente faz mas se eu chegar e ter uma visão de simplificar de facilitar o manejo facilitar o trabalho a gente consegue evoluir mais rápido tem um pensamento diferente né Principalmente isso e facilita muito no nosso trabalho e a gente evolui com isso.

Estudante 03 - Não quis responder

Estudante 04 - Não quis responder

Estudante 05 - É dessa quarta resposta então dessa maneira aí então uns ensina profissional que pode contribuir é somente aprender como fazer esses trabalhos e também fazer da nossa Cultura para ver aqui um ensinador vem para ensinar e tem que ele só vem só vem somente lá aí depois que já Repassa todas as que foi ensinado Então já fica com a pessoa para poder ensinar outras que precisa fortalecimento dentro da nossa comunidade para não deixar o nosso tradição aí tem que sempre levar em frente.

Estudante 06 - É então professor é de que maneira que eu acredito que eu ensino profissional pode contribuir para minha cultura é porque vocês é bom lembrar né as nossa cultura para não ser esquecida que já tá se perdendo Então a gente tem tendo um estudo um curso técnico é vem lembrar vai lembrar vai buscar como que eles viviam primeiro como que eles se tratavam em forma de doença como que era aplicada as medicinas Então para mim entenda assim é sempre vocês que vem lembrar a gente para não deixar o nosso costume na nossa cultura Então para mim também é muito importante é ter um ensino para aperfeiçoar mais a gente né que a gente sabe a gente sabe a gente ganha todas as ferramentas Mas a gente não sabe como usar como levar seguir a frente né então tem para vocês como profissionais na sala de aula dando um curso dando uma aula então seria muito bom como trabalhar acima da nossa Cultura né porque pode e o que não pode então para mim é isso

Episódio 5. Quais são as principais áreas profissionais que você acredita que poderiam beneficiar diretamente sua comunidade?

Estudante 01 - Poderia ter piscicultura;

Estudante 02 - Os principais áreas profissionais que beneficiaram a minha comunidade seria um profissional que soubesse ter manejo de gado e o manejo de peixe aqui na minha comunidade. Costume não saber mexer não saber manejar o boi e nem um peixe então um profissional desses dois profissionais seria essencial para ensinar algumas pessoas alguns dos nossos familiares mesmo até o manejo certo que beneficiasse ele tanta gente como até mesmo um animal para tentar solucionar a nos ensinar a solucionar coisas que estão erradas até o manejo certo o teu alimento certo o horário certo de alimento ter o tratamento certo então esses profissionais aí seria de certeza para beneficiar a minha comunidade de experiência social esses profissionais a beneficiar a nossa comunidade.

Estudante 03 - Não quis responder

Estudante 04 - Da Agricultura na mandioca e milho e Pecuária gado que a quantidade de trabalho é mais forte.

Estudante 05 - Da quinta pergunta então as principais áreas e o que pode beneficiar dentro da comunidade mesmo é plano de pimenta cebola melancia então isso e os demais então isso pode beneficiar aqui dentro da Comunidade fazer esse plantio tem como beneficiar a comunidade aqui.

Estudante 06 - Professor é para mim ou esse profissionais mesmo é que beneficiaria minha comunidade técnico em é que é técnico em Agropecuária os veterinário e depois é pessoal que mexe com levines Então para mim nessa todas áreas era muito bom e ótimo ter esses profissionais que poderia ajudar como poderia como nós poderemos criar os peixes e para a gente não tá chamando pessoal de Fora para eles vir aqui principalmente nós mesmo dentro dessa formação a gente poderia muito bem ter esse conhecimento e ter esse Cuidado com os nossos produtos com o nosso projeto então era isso.

Episódio 6 - Você se sente apoiado pela instituição federal no seu percurso educacional, tanto no aspecto técnico quanto no cultural?

Estudante 01 - Sim eu acredito que sim.

Estudante 02 - Sim eu me sinto apoiado pela instituição é uma expressão que se preocupa muito com aluno se tiver que solucionar algum problema ele vai diretamente com o aluno pergunta como é que tá que tá acontecendo uma instituição aí maravilhosa né a gente sempre me acompanhado no percurso aí e tem

sempre se preocupado Então me sinto aí super apoiado tanto no aspecto técnico e no cultural eles aí tem me apoiado muito me sinto privilegiado aí por estar nessa instituição.

Estudante 03 - Não quis responder

Estudante 04 - Resposta sim .

Estudante 05 - Nessa sexta pergunta né eu me sinto muito apoiado nesse nessa instituição Federal e também nas culturas que tenho e estou bem firme nessa instituição que estou cursando.

Estudante 06 - Aí eu me sinto muito honrada de estar participando eu vejo vocês eu me sinto apoiada porque vou dizer assim quando esse curso chegou eu já tava fazendo a pedagogia então eu me sinto bem apoiada porque quando a gente começa a fazer o curso a gente não conhece eu tinha alguns estudos na na informática eu não sabia arquivar colocar em PDF fazer aquele todo o processo de documentação quando a gente tava estudando quando a gente começou a estudar na instituição do Claretiano não é falar mal da instituição Mas foi assim foi bem diferente como essa nossa instituição do IF né Porque só vieram escrever nós fizemos um vestibular nós passando fizemos matrículas computadores e pega que o filho é seu agora se vira né É quase disseram assim para nós agora vocês vieram né uma aulinha de informática o professor agradeço muito o professor esquenta o que veio da aula para nós ensinar aonde que aperta o botão já até esqueci os nomes das teclas lá do do computador do notebook então eu me sinto muito apoiada agradecido eu agradeço todos vocês professores coordenadores da instituição eu me sinto honrada

Estudante 05 - Então nesses momentos aqui fico dividido então eu fico assim eu me sinto que fico só né eu não tenho um amigo assim um colega para me ajudar e então nesse caso eu tenho que ter um compromisso sério né como acadêmico então tem que ter muita responsabilidade com a nossa cultura isso também com nossos professores então isso aí fica meio ruim né cara para mim que tô dividido dos meus amigos tudo distante aí eu não tenho assim contato assim para estar conversando pedindo ajuda aí talvez não tem como vir para ajudar aqui né Aí eu mesmo tenho que me virar aí ter o meu compromisso sério comigo mesmo para poder fazer as minhas atividades.

Estudante 06 - Eu me sinto assim dividido mesmo aí meu compromisso porque eu tinha compromisso eu tinha compromisso como eu vou falar assim na

minha parte que eu sou casada como mãe de família né aquele compromisso de estar junto com a comunidade de estar no trabalho de estar ajudando de estar plantando de estar colhendo Então tudo isso para nós é um compromisso né E quando a gente já a gente já é estudante como a gente já no papel de acadêmico a responsabilidade é muito mais porque às vezes a gente tá participando lá e também as tentativas de a nossa responsabilidade tradicionais familiar porque a gente não tá mais na nossa família não tá aprendendo tá deixando aquele costume né junto com a família não tem mais daquele jeito aqui eu vou só citar um exemplo aqui vou sair daqui eu vou estudar na cidade tô fazendo faculdade né aí tá aí ó quando eu for para lá às vezes eu não vou só tô dando só um exemplo eu vou quase deixar as minhas responsabilidades então lá eu não vou ter mais meu beiju lá eu não vou ter mais o meu caxiri lá eu não vou ter mais minha daborida do jeito que é a daqui então é tudo isso é dividida em nossa vida acadêmica que o nosso compromisso na nossa realidade da nossa cultura do nosso costume do nosso jeito de viver do nosso jeito de falar de tudo que tem na comunidade indígena né eu não vou mais poder fazer minha panela de bar lá ou até eu posso mas também eu tenho que trabalhar então vai mudar totalmente minha cultura né vou pegar outra cultura

4. Existem práticas ou conhecimentos da sua cultura que você gostaria de ver representados na sua formação acadêmica?

Estudante 01 - Na parte da formação é uma porta pra gente, dentro do curso mostra os conhecimentos, tendo aquela formação a gente consegue a ter um emprego e trabalhar na associação e ajudava a fortalecer

Estudante 02 - Sim Existem várias práticas conhecimento da minha cultura a nossa comunidade que gostaria que fosse representado mas é onde a gente pode desenvolver também vários conhecimentos a gente pode estar juntamente com os colegas com os professores do Instituto também tá tendo conhecimento um com outro né tá tentando buscar conhecimento de mais saberes e assim a gente consegue aprender um com o outro porque às vezes que a pessoa não tem ao chegar na comunidade não conhece o aluno chega aí e passa o que ele sabe sobre aquela por exemplo um artesanato um professor não sabe como é que se faz mas o aluno sabe desenvolver aquele trabalho então acredito que cada uma aprende com o outro professor com aluno também tem se desenvolvendo também em uma aprendizagem e essa e essa importância de que a gente tem transformação a gente consegue estar desenvolvendo várias matérias todas que fosse representado nesse

curso.

Estudante 03 - Não quis responder

Estudante 04 - Sim pelo pela cultura da comunidade que pode ser representado sim um conjunto de mandioca e milho.

Estudante 05 - Bom nesse caso aqui ainda eu não tenho essas práticas para mostrar para ela para mim para minha instituição mas daqui para frente eu vou ter uns conhecimentos aí melhores para poder representar para na minha formação acadêmica mas eu tenho que fazer umas práticas para poder mostrar.

Estudante 06 - Eu gostaria de ter muito meu conhecimento da minha cultura é na na minha formação acadêmica por quê é porque eu vou colocar uma experiência que eu tive aqui em casa então eu e como eu cheguei até fazer esse curso né de técnico agropecuária era na área de veterinária eu tinha muito galinha aqui em casa a minhas galinhas tão morrendo do nada só dava um pulo caía do poleiro já tava durinho aí comigo mesmo eu pensei meu Deus o que que tá acontecendo com essas galinhas eu sem saber de nada eu sentei remédio eu sempre ter conhecimento como aplicar remédio das galinhas aí eu para lá as galinhas tudo pesado Será que tão Morrendo porque tão muito gorda então foi tudo aí eu comigo eu pensei assim aí eu vou eu peguei cinco folhas de boldo três limão duas dentes de alho e dois dentes de Poá aí eu vou fazer um chá eu vou dar para essas galinhas aí Eu até brinquei com meu esposo eu acho que as galinhas estão morrendo de febre eu acho que é gogo que estão querendo pegar eu falei assim na brincadeira vou já fazer remédio para ele então pois eu coloquei um pouquinho de pimenta de rei não só uma pitadinha assim aí as galinhas tudo Pulando Pulando parecia brincadeira eu tinha filmado no meu celular nesse dia era umas 4 horas da tarde eu jogando comida para as galinhas começaram a pular do lado e morreu bastante galinha aí eu fiquei agoniada fiquei querendo chorar porque vendo aquele tanto de galinha morrendo aí eu corri para cozinha fiz esse chá eu comecei a dar em bico em bico de galinha aí os que estão mais pior que não tão mais aguentando esses daí morreram e os que estão tonto ainda aí eu consegui salvar Até hoje ainda tem alguma dessas galinhas aqui deixa eu ver aí eu falei para o meu esposo então aí eu disse para ele eu tô fazendo pedagogia Mas também eu vou procurar na área de veterinário para mim qualquer coisa que parece aqui que tava tendo esse curso aí eu vou fazer esse aqui eu vou fazer eu vou fazer outro até onde eu chegar eu quero ter conhecimento Porque aqui não tem ninguém pra gente chamar para a

gente é para perguntar o que que tá acontecendo o que que tá acontecendo com os animais que doença então é para mim isso foi bem é um conhecimento é uma experiência que eu tô colocando né então eu gostaria muito de ter isso para no meu no meu currículo para dentro né e eu teve esse remédio caseiro e eu tenho como provar que eu tenho vídeo que eu dando remédio para essas galinhas até meu esposo começou a rir de mim ele falou que ele tá ficando doido aí eu gosto de bagunçar com ele doida não é que eu sou um bocado de galinha então foi isso

5. Como você vê a importância do aprendizado fora da sala de aula, seja na comunidade ou em outros contextos informais?

Estudante 01 - Bom importante é a gente está focado no estudo estudando, porque é muito diferente de tá fora da sala de aula.

Estudante 02 - Vejo que a importância dele desse aprendizado fora da sala ou em qualquer lugar a gente os aprendizagem como lidar com algumas coisas até mesmo da vida e a gente tem que valorizar né esse conhecimento que a gente tá tendo a oportunidade de viver esse aprendizado aprendizado que a gente tem que guardar para o resto da nossa vida que sempre estamos acompanhando dependendo de lugar onde a gente esteja sempre vai fazer equilibrar a gente possamos solucionar algumas coisas que a maioria da gente encontra dificuldades mas com o estudo a gente consegue resolver consegue selecionar Então essa é aprendizado a gente tem uma importância.

Estudante 03 - Não quis responder.

Estudante 04 - Eu vejo aprendizado fora da sala de aula na aula prática ou na dentro da comunidade quer trabalhar na roça e que é uma importância do aprendizado.

Estudante 05 - Então eu vejo muito muitas coisas muito importantes na sala de aula e também nas comunidades em outros lugares né que que tem cada pessoa que que tem seus suas práticas que eles fazem seus conhecimentos. Então aí é muito importante mesmo não só a sala de aula.

Estudante 06 - Eu acho muito importante né É para estudar a gente não tem que estar é priorizando o lugar depende da casa do prédio que a gente não para estudar a gente tem que valorizar o conhecimento e buscar mais de conhecimento nem que seja informal ou formal depende da vida depende de cada um no meu ponto de vista é isso.

6. Você já teve alguma experiência na escola que te fez valorizar ainda mais os saberes tradicionais da sua comunidade?

Estudante 01 - Quando eu comecei eu assinei o contrato para trabalhar como auxiliar de secretário, e no começo da aula eu tive uma aula que me ajudou bastante que foi a aula de informática que ajudou bastante a comunidade e aquilo me ajudou bastante então é isso

Estudante 02 - Sim eu tive alguma experiência alguma experiências e valorizou a minha etnia a minha a minha tradição foi a escola onde eu estudei aqui na escola estadual Joaquim Nabuco Aonde ocorreu uma feira e vi que a minha cultura foi valorizada nem foi representada E valorizou o meu saberes tradicionais na minha cultura o meu o que a gente achava que não teria valor mas a escola nos representou né nos valorizou Nossa cultura da comunidade até o nosso conhecidos será que vai dar certo não vai então a escola disponibilizou mostrar isso né a valorização que a nossa cultura deve ter a nossa tradição deve ter.

Estudante 03 - Não quis responder

Estudante 04 - Sim nas comunidades indígenas a escola sempre Tem trabalhado valorizado os saberes tradicionais para formação técnica estudar a ter mais experiência para poder contribuir como nas sementes tradicionais da comunidade preservar e fortalecer mais nessas culturas do milho do feijão que são tradicional daqui da comunidade porque a comunidade indígena ela ela tem os conhecimentos básicos não técnicas né mas vendo fazendo palestra explicando para as comunidade né em procura de resolver os problemas na agricultura e na pecuária qual seria o melhoramento para aquela Cultura

Estudante 05 - Assim durante esse ano que eu passei estudando na escola eu valorizei muito a minha cultura tradicional já até hoje ainda eu nunca deixei de me falar pessoalmente as línguas é que nós temos aqui as nossas culturas com pinturas e os demais então até hoje eu fico valorizando A minha cultura é porque é muito importante para mim.

Estudante 06 - Não ainda nunca teve eu só teve essa experiência que eu tava que eu falei mas aqui em casa mas durante que eu tô estudando ainda não teve nenhuma experiência na escola.

Perguntas para o Episódio 6 - A contribuição da formação técnica e profissional para o fortalecimento dos saberes tradicionais e da cultura dos povos indígenas:

1. De que forma você acredita que a formação técnica pode contribuir para preservar e fortalecer sua cultura?

Estudante 01 - A parte da tecnologia né, na parte da internet, os curso online, então acredito que é isso.

Estudante 02 - Vai contribuir muito para preservar e fortalecer a minha cultura exemplo o que eu gosto de fazer na minha comunidade eu vou preservar e com essa formação técnica eu vou só desenvolver e fortalecer a minha cultura eu vou estar com novos métodos com uma visão que vai fortalecer a minha cultura e com a técnica que essa informação está me dando ela vai me ensinar o meu conhecimento para minha cultura para o meu povo para mim etnia não só para mim acredito que eu quero meus colegas também e essa informação técnica vai contribuir para vários várias maneiras para mim para minha cultura.

Estudante 03 - Não quis responder.

Estudante 04 - Não quis responder.

Estudante 05 - Aqui a pessoa tem que ter a informação técnica tem que levar em frente para não ficar parado isso aí então ele tem que praticar seus trabalhos dentro da comida para não deixar essas culturas tradicionais fazer ensinar procurar saber dos mais que entendem para poder praticar

Estudante 06 - Na nossa formação técnica para contribuir e fortalecer Nossa cultura é nós aprendendo Como se dá com esse produtos né que usam para plantio e que para a gente não desmatando as matas é matando colocando os os adubo muito forte porque vai contaminar nosso local onde então para mim a formação técnica para contribuir essa explicação né como poderia ser como poderia cada estudante lida como a preservação de nossa identidade de Cultura porque a gente não pode pegar uma coisa e sair destruindo tudo.

Você já teve a oportunidade de aplicar conhecimentos técnicos para resolver problemas na sua comunidade? Como foi essa experiência?

Estudante 01 - Eu acredito que sim professor.

Estudante 02 - Sim eu já tive a oportunidade de aplicar o conhecimento técnico que a gente pensa me ofereceu me oferece não na minha comunidade mais sem o meu trabalho não gosto de mexer com hortaliças e matéria que me chamou muita atenção foi a de irrigação Eu costumava molhar minhas plantas com balde e a irritação foi um dos fatores que me chamou muita atenção né a ligação de uma forma de facilita o meu serviço pesado e além de resolver uns problemas me ajudou

muito e o tempo que Eu perdia carregando no balde para ligar as minhas plantas a irrigação me facilitou meu trabalho e cedeu mais tempo para poder fazer outro serviço que tinha que fazer então sempre ficou meu trabalho e foi uma técnica que eu adquirir na no ensino no instituto.

Estudante 03 - Não quis responder.

Estudante 04 - Não quis responder.

Estudante 05 - Eu nunca tive oportunidade de resolver os problemas na comunidade eu pelo menos nunca teve não

Estudante 06 - Até no momento os 20 anos que eu tô morando aqui na comunidade nunca teve experiência para mostrar para comunidade só teve essa experiência da minha residência mesmo mas nunca testei fazer na casa dos outros vizinhos dos parentes né Eu nunca teve.

O que a formação técnica trouxe de novo para a sua forma de ver o mundo e para sua relação com os saberes tradicionais?

Estudante 01 - Eu aprendi a mexer de outra forma com hortaliças.

Estudante 02 - Que devemos desenvolver métodos diferentes do que a gente faz ela nos dá uma experiência diferente do que a gente sabe fazer na nossa comunidade na nossa cultura desenvolver pensamento diferente e tentar desenvolver algo diferente para melhorar para facilitar o trabalho para desenvolver alguma atividade que achamos sem ter o conhecimento achando que ela é bem difícil mas com conhecimento a gente consegue facilitar a técnica abriu a minha visão meu pensamento e tá me ensinando a evoluir cada vez mais com essa formação.

Estudante 03 - Não quis responder

Estudante 04 - É da forma positiva ela trouxe novas técnicas que possam ser aplicadas dentro das Comunidades na na valorização da cultura do milho do arroz e do feijão então ela trouxe novas formação positiva.

Estudante 05 - Então a formação técnica trouxe umas boas experiências para realizar.

Estudante 06 - A formação técnica me trouxe muito é da meu ponto de vista né trouxe muita recordação de passado do nosso saberes porque ele chegou assim bem maior eu vou dizer bem quase numa hora certa porque ele abriu a nossa visão mais fortalecer o que tava já se acabando fortaleceu e agora a gente tá mais ativo e trouxe muita muito conhecimento compartilhou muitas ideias boas então isso eu tô

gostando e tá muito maravilhoso.

Existem momentos em que você sente que o conhecimento técnico pode entrar em conflito com os saberes tradicionais? Como você lida com isso?

Estudante 01 - Aqui no meu ponto de vista eu vejo assim que quanto mais a pessoa vai estudando ela vai se avançando mais, e ela acaba esquecendo a cultura né, a fala e muitas das vezes quando a pessoa estuda ela não fica aqui ela vai se avançando e vai saindo da comunidade, já vai indo pra cidade né, ela consegue ter um emprego e ali ela não consegue mais voltar pra sua cultura né eu acredito que sim que tem essa diferença e tem esse conflito na parte da cultura

Estudante 02 - O conhecimento técnico acredito que não tem conflito pelo contrário ela vai me ajudar muito a facilitar o meu meu trabalho com a minha tradição da cultura até porque ela essa informação ela me dá um conhecimento diferente em um aprendizado diferente Então me ensina a resolver desafios novos e com conhecimento que eu tô tendo com essa técnica que eu tô tendo eu posso desenvolver vários trabalhos sem sem entrar em conflito com saber de tradicionais da minha cultura da minha comunidade pelo contrário ela vai valorizar o meu trabalho e além de estar agregando ela vai estar dando novos desafios mas a gente já vai estar sabendo lidar com essas coisas até pelo conhecimento que a gente já vai estar tendo.

Estudante 03 - Não quis responder.

Estudante 04 - É na maneira buscando mais parceria apoio que possa trazer novas técnicas formações para dentro da comunidade né tendo mais valorização integração trazendo mais programas para melhoramento da Cultura.

Estudante 05 - Uns momentos que que a gente sente que traz um conhecimento que tem que por isso entrar em conflito com os nosso saberes aqui dentro da comunidade.

Estudante 06 - Aí eu é esse tipo de essa resposta aqui veio muito eu não eu não tenho muito como responder ela porque tá perguntando aqui no momento em que você se sente que o conhecimento técnico pode entrar em conflito com seus saberes tradicionais como você se dá então ainda até agora eu me sinto assim eu não eu não tô sentindo que o conhecimento técnico não mas eu não tô Ainda não tô quase por dentro dessa essa pergunta então minha resposta seria isso que eu falei.

De que maneira a instituição pode apoiar mais efetivamente a integração entre a formação técnica e os saberes tradicionais?

Estudante 01 - Passando mais conhecimento e fazendo mais aulas praticas na comunidade.

Estudante 02 - A instituição pode apoiar em várias mulheres a integração na formação técnica ela pode ajudar de várias maneiras dar um suporte apoio maior de várias maneiras na nossa tradição ela pode nos ensinar a gente a valorizar a integração da cultura indígena a valorizar o trabalho que a gente faz na nossa comunidade a gente resolver em tudo Tecnicamente pelo pelo que a instituição pede né A gente só acaba agregando mais tentando resolver da melhor maneira possível sem desvalorizar a nossa Cultura.

Estudante 03 - Não quis responder.

Estudante 04 - Não quis responder.

Estudante 05 - Ou então a inscrição Tem que apoiar efetivamente mais na formação técnica como nas culturas tradicionais como sua crenças tradicionais e outras mais.

Estudante 06 - É para mim a instituição poderia apoiar mais dando mais informação técnica para todos os tipos todas as áreas né como veterinário para todos e que tá tendo só eu acredito que tem só aí no Campus amajari então poderia também é da oportunidade apoiar aqui na aqui no Polo né na Enseada Então é isso minha resposta.

O que você diria para futuros estudantes indígenas que pretendem ingressar na educação técnica e profissional?

Estudante 01 - Que avancem mais o estudo e que virem agrônomo, ser profissional e ser professor e passem tudo aquilo que eu aprendi pra eles né e eu acredito que é isso.

Estudante 02 - Estudantes indígenas que eu super apoiaria ingressar na profissão técnica Educacional tem uma evolução muito muito bom onde a gente aprende vários métodos a gente aprende várias coisas que a gente acha que não consegue aprender mas como esse com esse estudo com essa educação profissional técnica que a gente tá tendo nessa instituição a gente evolui a nossa mente o pensamento a gente tem vários pensamentos as vezes negativo mas com certeza com possibilidade a gente consegue buscar os nossos métodos consegue evoluir consegue buscar outras coisas que a gente acha que não tem solução Mas é da instituição que a gente aprende muito coisas boas muitas coisas inovadoras e a

gente aprende a lidar até mesmo com as dificuldades né a gente consegue visionar coisas que ninguém pode selecionar mas a gente com com que o curso nos ensina a gente consegue facilitar o nosso trabalho solucionar várias coisas como que o Instituto passa pra gente.

Estudante 03 - Não quis responder.

Estudante 04 - Eu diria que a instituição é de boa qualidade é que é uma escola pública aqui que ensina novas técnicas nossos conhecimentos é muito bom.

Estudante 05 - Para nossos para o futuro eu espero que nossos curumins mesmo de hoje cresçam como um bom estudante e aluno para se formar num quem sabe até pode sair como um técnico ou seja um coordenador da instituição federal nos campus.

Estudante 06 - É eu diria para os futuros estudantes indígenas que eles eles aproveitassem bastante que eles teria aula presenciais que eles respeitassem as regras que eles fossem estudar na Instituição lá na Amajari então que todas para respeitar todos os Regimento que tem para eles cumprir para eles aproveitar que que esse estudo que esse curso é muito bom e para eles ter muito aproveitamento não ir para lá só por ir só para ir para conhecer aí eu falaria tudo de coração para uma pessoa se fosse para lá meu filho ou minha filha você pega esse você pega sua cruz e siga que não olha nem para o lado nem para o outro nem para baixo seja uma tenha uma visão de águia não de galinha porque galinha vai se escanda aqui embaixo não é águia não ele joga foco lá ele tem aquela visão de cima enxerga muito longe então eu diria para cada um ingressante né para os estudantes e que eles estudaria e saíam culturas técnico veterinário Em toda área que eles poderia aproveitar aquilo oportunidade então era isso que eu falaria.